O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 18 DE NOVEMBRO DE 1893

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:316

E' um dos nossos correspondent - em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — A dissolução.—Conselheiro José Luciano de Castro.—O sr ministro das obras publicas e a estação telegrapho-postal de Aveiro.—Ainda a questão de Goes.—Commissão Districtal.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Os partidos politicos em Portugal.—Tratado de commercio entre Portugal e Hespanha.—Folhetim: Magdalena.—Mensagem que vae ser entregue ao sr. ministro das obras publicas.—Carta de Oliveira de Azemeis.—Carta de Goes.—Secção litteraria.—Bibliographia.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

A Dissolução

Continua a dizer-se que o governo, sem a menor sombra de interesse constitucional, sem o menor intuito de conveniencia publica acceitavel, vae abandonar o campo dos principios legaes e decorosos, para se lançar no condemnavel caminho dos desvarios e obrigar a corôa a essa perigosa cumplicidade da projectada dissolução.

Faz muito mal o governo. São muito graves as circumstancias que o paiz atravessa, para que se pense em ir aggraval-as ainda mais com as desastradas consequencias d'uma nova campanha eleitoral. De que precisa o governo? De uma camara que lhe vote todas as suas medidas? Lá a terá agora, se ellas forem de natureza recommendavel e a bem dos interesses do paiz.

Mas, serão de ordem tal essas medidas, que o governo receia a sua regeição? N'esse caso será para falsearem os seus deveres e o seu mandato, que o governo quer eleger os novos deputados. Isto é claro. Ora o paiz o que reclama, é uma administração sensata e não um governo que continue no caminho de precipicios por que se tem conduzido os ultimos ministerios.

A dissolução só pode ter logar quando o rei deva intervir unicamente por interesse constitucional n'uma lucta dos partidos, e nunca para satisfazer um capricho pessoal de requintada vaedade.

Onde existe essa perturbação politica entre os partidos militantes, pela qual a corôa julgue precisa a sua interferencia, ou o governo intenda necessario invocar o poder supremo da nação, para que acoberte com uma faculdade que possue uma puerilidade perigosa?

Para que se quer, pois, despedir a camara, que tão nobre e tão patrioticamente soube comprehender os seus deveres na melindrosa crise que atravessamos?

Estas faltas de senso e de razão politica, não abonam demasiado as faculdades do sr. ministro do reino. O que nos custa, o que nos punge mesmo, é que no profundo descontentamento geral em que as phantasias do sr. João Franco, tem envolvido o paiz, s. ex.ª peça a collaboração da corôa, que é para nós de fé que lh'a recuzará. El-rei, sabe bem pezar as responsabilidades, moraes e materiaes do facto, para que subscreva assim ás exigencias pueris do seu ministro.

O Jornal do Commercio, que é insuspeito e um dos mais considerados orgãos da imprensa portugueza, diz sobre o facto:

«Tambem nós não acreditamos que a dissolução seja concedida, pois não comprehendemos que o Poder Moderador se preste a subscrever por uma forma tão solemne á derogação flagrante, cenão da lettra da Carta,—mais do que isso, do espirito da Constituição. Já mais de uma vez o escrevemos: não receamos tanto dos ataques dos golpes que ellas a si mesmo se vibram, e quem tem fomentado o desenvolvimento do republicanismo, que no norte tanto tem invadido as proprias classes *conservadoras, não são os* republicanos doutrinarios, mas os monarchicos inconsequentes, que tem abandonado o campo dos principios, para se lançarem no dos arranjos. São os erros monarchicos que teem feito o partido republicano, e serão elles que o hão de desenvolver, se se não entender conveniente mudar de rumo.

Tem sido graves os erros do Poder Executivo; mais grave, porém, seria que se estendessem frisantemente ao Poder Moderador, fecho do systema—que infelizmente cada vez nos rege menos—ferindo-o n'aquillo que constitue o objecto das suas especiaes e liberrimas funcções:

Pois se a Corôa, para satisfazer a um capricho dos seus ministros, lhes conceder a dissolução do parlamento na delicada conjunctura que atravessamos e na propria vespera da reunião das Côrtes,—isso sem motivo claro e terminante que a tal a aconselhe—na opinião não ficará o sentimento de que é ella que dá o exemplo do desrespeito pelas instituições? E se o alto e legitimo representante d'ellas as desampara, a quem é que ha direito de pedir que as ampare, sirva e ame?!»

Contra factos não ha augmentos. Se o governo conseguir levar a corôa ao attentado da dissolução das camaras, é a propria dissolução da corôa que ella se decretará.

Para que é a dissolução? Isso não é constitucional. Isso não é mais do que uma torpe exploração das attribuições facultadas do poder moderador.

E' um acto de cumplicidade, sim, que o sr. João Franco, requer do throno, para encher a sua vaidade politica. Sabemos que o illustre chefe do governo, combate o attentado, e que d'elle porisso lhe não pertencerá a responsabilidade. Mas esta recahirá inteira sobre el-rei, e d'isso é preciso prevenil-o, para que não nos precipitemos assim no abysmo que nos aguarda.

Conselheiro José Luciano de Castro

O nosso esclarecido collega, o *Correio da Tarde*, publica no seu n.º de quinta-feira ultima um bello artigo de consagração justissima ao nobre caracter e ás eminentes qualidades do chefe do partido progressista, dando ao mesmo tempo o retrato do illustre homem publico.

O *Campeão das Provincias*, associa-se tambem á demonstração solemne e eloquente que o collega lisbonense consagra ao prestigioso estadista, e transcreverá no seu n.º proximo as palavras de justissimo elogio que o *Correio da Tarde* escreve n'esse artigo.

O SR. MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS E A ESTAÇÃO TELEGRAPHO-POSTAL DE AVEIRO

Todos conhecem o modo como o sr. ministro das obras publicas foi recebido nas differentes repartições d'esta cidade. Em todas ellas s. ex.ª encontrou o aceio e o luxo, excepto na do correio e telegrapho.

No correio encontrou s. ex.ª meia duzia de empregados cheios de esperança na sua visita!

No telegrapho encontrou s. ex.ª dois empregados extenuados pelas fadigas dos dias e noutes anteriores. E sendo apenas dois aspirantes para todo o serviço telegraphico, deve-se calcular o esforço que elles fariam para que nem a imprensa nem o publico tivessem de que se queixar!

N'esta repartição encontrou s. ex.ª alguns empregados, que em breves palavras mas cheias de verdade, lhe mostraram a desgraçada situação a que os legisladores sem criterio reduziram uma das corporações que mais attenções lhes deviam merecer.

N'esta repartição encontrou s. ex.ª os impressos a montes espalhados pelo meio do chão, por não haver umas estantes onde os collocar!

N'esta repartição encontrou s. ex.ª candieiros de petroleo em cima de bocados de madeira! Quando é certo que n'esta cidade ha uma fabrica de gaz, e devia ha muito estar esta illuminação installada n'uma repartição tão importante como o correio e telegrapho.

N'esta repartição encontrou s. ex.ª as secretarias dos amanuenses, concertadas com bocados de ripas!

No gabinete onde o chefe dos serviços e amanuenses trabalham, disseram a s. ex.ª que chovia, tendo muitas vezes de andar com as mezas ás costas a mudal-as de canto em canto!

Na salla dos apparelhoe telegraphicos disseram a s. ex.ª que faltavam e eram imprescindiveis um commutador suisso e um translactor!

Tudo isto s. ex.ª viu, tudo examinou, e prometteu providenciar de fórma que em pouco tempo estivessem todas estas faltas remediadas! S. ex.ª disse que lhe enviassem o projecto porque approvaria qualquer despeza, notando a urgente necessidade em reparar todas as faltas que lhe eram apontadas! S. ex.ª prometteu que os reparos no edificio se fariam porque as despezas eram insignificantes, concordou que d'elles dependiam e dependem, não só tornar a situação dos empregados mais confortavel como o bom andamento do serviço.

Tudo isto s. ex.ª examinou. Percorreu todo o edificio, e concordou que os empregados tiveram a maxima razão quando lhe dirigiram a primeira representação em que mostravam as pessimas condições hygienicas em que se encontravam.

E, apesar de s. ex.ª ver tudo isto, apesar de concordar não só com o sr. director das obras publicas d'este districto, como com os empregados que lhe sollicitaram a sua valiosissima protecção para que lhes minorasse todos estes males, o que é certo, é que s. ex.ª nunca mais quiz saber dos desgraçados que teem (principalmente os que fazem serviço no correio) de estar desde as 3 horas da manhã até ás 7, e das 5 da tarde ás 10 e meia da noite fazendo serviço á luz do petroleo, que é defficiente e lhes detriora em pouco tempo a vista!

E' por isso que vimos hoje chamar a attenção do sr. ministro das obras publicas para que satisfaça os pedidos que então se lhe fizeram. O dictado é bem certo... a rico não devas, e a pobre não promettas...

Além d'isso não desejamos voltar a este assumpto.

Duanto.

Ainda a questão de Goes

Sob o titulo—**A anarchia em Goes**—e como reforço ao que aqui temos dito sobre o caso, o nosso collega *Tribuno Popular* escreve, no seu ultimo n.º, o seguinte:

AO EX.mo SR. GOVERNADOR CIVIL

Não podemos deixar de continuar a chamar a attenção do illustre chefe do districto, e de pedir providencias, para os vergonhosos e lamentaveis acontecimentos do concelho de Goes, a que já nos referimos.

Promovidos unicamente pela leviandade maldosa e censuravel do seu prepotente e intoleravel delegado de confiança, um pobre diabo de *substituto* em exercicio, a quem subiram á fraca mioleira os fumos auctoritarios de um Costa Cabral de aldeia, em segunda mão, acabando de lh'a estragar de todo, tornam-se esses factos mais notados ultimamente, por o arrastarem a toda a casta de disparates e palhaçadas irritantes e riziveis, e que pelo exotico do ridiculo e pelo desprezivel da exhibição, compromettem e aviltam o respeitavel principio da auctoridade, deixando arrastar a representação do poder até á bandalheira reles e agarotada a que tem descido em Goes.

De certo, que o sr. conselheiro Neves e Sousa, que preza como deve o seu bom nome, e que antes de ser chefe do districto, obrigado a toleranc'as e imposições vergonhosas da politiquice sertaneja, é um magistrado judicial digno e austero, dos mais respeitaveis com que se honra a magistratura portugueza, não póde nem deve querer conspurcar a sua merecida reputação, escudando com a sua auctoridade de governador civil e com o seu nome, as vergonhas, as illegalidades, as prepotencias e destemperos violentos, grosseiros, e offensivos da lei, do direito e de toda a gente sensata, que possa praticar um administrador do concelho como o de Goes.

Não pode, nem deve, nem ha de querer! Nem ha politica, nem politicos, nem interesse de ordem alguma, suppomos nós, que levem o sr. conselheiro Neves e Sousa, á tolerancia benevolente, ao consentimento sob sua responsabilidade de factos como os occorridos em Goes, de conflictos e scenas revoltantes e violentas como as da *junta dos repartidores*, como as da administração, como as da camara, e finalmente como as que propositadamente por facciosismo, por malvadez, por genio naturalmente irritavel de doente irresponsavel em continuo furor, por ignorancia, por satisfação de vaidade, por desejo e habito de provocar, ameaçar, e incommodar toda a gente, e em toda a parte, origina todos os dias, e com todas as auctoridades e pacificos cidadãos, o actual administrador *substituto* de Goes!

O proprio poder judicial da comarca, é victima da sua requintada maldade, incommodando-o constantemente com *autuações* inuteis e injustificadas—uma das suas ameaças e vinganças favoritas!

Um *substituto* em exercicio effectivo ha mezes, depois de nomeado, vivendo na mesma terra e sem estar impossibilitado o proprietario, só em Goes!

Esta reles e publica *negociata*, para o *sobrinho*, do *tio* receber o ordenado, é tambem outra vergonha a que o chefe do districto, não pode ser indifferente!...

Os cargos publicos de responsabilidade, não podem nem devem ser succursaes de Rilhafolles, para sustentação de doidos; e nem os *arranjos particulares* devem estar prejudicando o serviço e a paz e a ordem publica alteradas e constantemente ameaçadas com perigo, no concelho de Goes!

A administração do concelho, não pode nem deve ser transformada em Asylo de Mendicidade, para agasalho e sustento de quem não sabe, ou não póde, ou não quer, arranjar outro modo de vida...

Ex.mo Governador Civil! cesse a *negociata* indecorosa! Acabe o reinado da violencia e dos odios e paixões e vinganças pessoaes, commettidas impunemente á sombra da auctoridade! Restitua-se aos habitantes de Goes a paz, o socego, e a garantia de ordem que lhes falta e que a auctoridade administrativa lhes tira!

E tudo isto depende de v. ex.ª! E tudo isto, que é de justiça e bem merece ser tomado em consideração, pedem e esperam os povos do concelho de Goes, que sabem como v. ex.ª conhece as verdadeiras razões de queixa que elles tem, e a paciencia evangelica com que tem tolerado provocações insolentes e offensas graves, para evitar conflictos sangrentos que afinal serão inevitaveis, se tal auctoridade continuar no exercicio do seu cargo, que não sabe, nem pode, nem deve desempenhar por mais tempo!

Nós já até solicitámos do sr. ministro do reino a sua interferencia no assumpto. Vemos que pregámos no deserto, e que isto de moralidade e de justiça nas altas estações governatinas... é tudo peta, como dizia Bucage. E o caso bem pode applicar-se agora. O concelho de Goes, está sendo administrado por um cretino, por um desvairado, por um boçal de primeirissima ordem. Sabe-o o sr. governador civil, reconhece-o o sr. ministro do reino, mas permittem á testa d'uma repartição importante um homem d'esta natureza! Valha-nos Deus, que nem nas coisas mais serias ao menos sabem apresentar um pouco de seriedade!

Commissão Districtal

SESSÃO DE 16 DE NOVEMBRO DE 1893

Presidencia do ex.mo sr. conselheiro Manuel Firmino d'Almeida Maia. Presentes os vogaes, srs. Ladeira de Castro, José Pereira Junior, e o vice-secretario, sr. João Bernardo Ribeiro Junior; não comparecendo o secretario, sr. dr. Marques Mano.

Approvou os orçamentos das juntas de parochia de Palmaz, Ossella, concelho d'Oliveira d'Azemeis; Frossos, S. João de Loure, Ribeira de Fragôas, Valmaior, concelho d'Albergaria; Cepellos, Macieira, concelho de Cambra; Castanheira, Segadães, concelho d'Agueda; Mamarroza, concelho d'Oliveira do Bairro; Louroza, concelho da Feira; Canellas, concelho d'Estarreja; Bairros, concelho de Paiva; Cacia, concelho de Aveiro; todos para o corrente anno de 1893 e supplementares das juntas de Vagos e Esmoriz, concelho d'Ovar, para o corrente anno; e não approvou o orçamento supplementar da junta de parochia de Fajões, concelho d'Oliveira d'Azemeis, para o mesmo anno.

Deliberou remetter á junta de parochia de S. Vicente de Pereira o seu orçamento sem approvação porque parte da receita e toda a despeza pertencem hoje á Camara nos termos do decreto de 6 d'agosto de 1892.

Approvou os orçamentos supplementares das camaras d'Anadia e de Castello de Paiva, para o corrente anno.

Approvou o projecto do lanço da estrada municipal das proximidades de S. Geraldo á estrada districtal 62, ao Paço, lanço da estrada districtal 62 a S. Geraldo de Maceda, concelho d'Ovar.

Approvou as deliberações da camara municipal de Macieira de Cambra, tomadas nas sessões de 22 de julho e 13 d'agosto ultimo, para a divisão de baldios pelos moradores visinhos.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Continuam a ser sem interesse as noticias tanto de Hespanha, como do Rio de Janeiro.

Em Mellila, continuam os combates entre Rifenos e hespanhoes.

No Rio de Janeiro persiste a lucta, entre as hostes de Floriano e Barbosa, por emquanto sem resultado definitivo. E' a republica, tambem por emquanto, a fazer a *felicidade* do Brazil.

Um telegramma recebido agora diz:

Buenos-Ayres, 15.—Consta aqui n'este momento que os Estados da Bahia e Pernambuco, adheriram á causa dos insurrectos.

CARTA DE LISBOA

17 DE NOVEMBRO DE 1893.

Verifica-se o que sempre lhe disse. Não ha dissolução. E' que as circumstancias se contrapõem evidentemente á ideia—é que ás altas regiões do poder chegou a convicção de que a grande maioria do paiz receberia o facto na ponta das bayonetas, como se costuma dizer. Foi bom que assim succedesse, embora soffra com isso o espirito irrequieto d'aquelles que tão assomadamente propalaram a noticia de que o facto se realisaria. Não se realisa nem se realisará. Estejam bem certos d'isso os que aventam tudo o que pode lisongear as proprias conveniencias. E' que nem tudo corre a aprasimento d'estes politicos de má morte que só tratam de prolongar a sua estada no poder sem outro pensamento que não seja o da satisfação das suas vaidades e dos seus caprichos pueris.

— O nosso illustre e querido amigo, sr. dr. Barbosa de Magalhães, talento fulgurante e uma das mais auctorisadas capacidades do fôro portuguez, acaba de alcançar um novo triumpho n'um dos tribunaes d'esta capital. A sua palavra fluente deixou mais uma vez assombrado um auditorio enormissimo, que chegou a quebrar o silencio que é forçoso manter nos tribunaes e a arrancar signaes e expressões de enthusiasmo aos circumstantes. O *Seculo* descreve assim o que se passou:

O sr. Francisco Otero S. Pedro, commerciante, queixou-se em tempo á policia de que uma sobrinha de sua fallecida esposa lhe havia subtrahido de casa, durante o tempo em que a tratou da doença de que foi victima, alguns objectos de roupa branca no valor de trinta e tantos mil reis.

Julgado o caso nos tribunaes, onde a accusada se apresentou a responder sob o patrocinio do distincto advogado sr. dr. Barbosa de Magalhães, foi ella absolvida por falta de provas, e condemnado moralmente o queixoso, que ouviu o bom e o bonito e não terá tão cedo desejo de voltar aos tribunaes por questões de tal ordem. O sr. dr. Barbosa de Magalhães, com o seu grande talento e a sua fluente palavra, arrancou ás galerias signaes de approvação. O thema da defeza, larga e energicamente desenvolvido, foi o seguinte:

Negou o facto e allegou que a ré foi sempre excellentemente comportada e absolutamente incapaz de praticar o crime de que a accusavam.

Que mereceu e gosou sempre da fallecida sua tia o maior affecto e gratidão, e a mais illimitada confiança, tendo-lhe prestado dedicados serviços de enfermeira, durante a longa doença de que ella falleceu, e dos quaes não recebeu remuneração alguma.

Que a queixa, foi inspirada por odios e intrigas de familia, e ainda para inutilisar a arguida e seu marido, como testemunhas de defeza que podiam ser no processo de querella que o mesmo queixoso move a seu enteado, e que as testemunhas de accusação foram levadas a dizer o que dos autos consta contra ella, arguida por inimisade pessoal, umas, e por promessas do queixoso outras.

Quando o queixoso sahiu do tribunal, pouco faltou para que fosse apupado.

O *Reporter* de 14, e sob a epigrafe —*Um acto de justiça*—escreve tambem o seguinte:

Os tribunaes absolveram hontem uma senhora que alli fôra chamada a responder como auctora do furto de varios objectos de roupa, no valor de trinta e tantos mil réis. Da discussão em audiencia, na qual tomou parte o sr. dr. Barbosa de Magalhães, como defensor da ré, resultou apurar-se que a queixa fôra devida a intrigas de familia, e que o queixoso, sr. Faustino Otero S. Pedro, só tivera em mira inutilisar a accusada e seu marido de serem testemunhas a favor d'outro individuo, contra o qual elle tambem se queixou. Os espectadores, que se achavam deveras indignados, acolheram a absolvição com demonstrações de sympathia em favor da pobre senhora.

— Continuam as melhoras de sr. D. Affonso. Sua alteza regressa com sua augusta mãe a Lisboa dentro de pouco, logo que o tempo o permitta.

— Parece fóra de duvida que o partido anarchico se agita tambem aqui, havendo factos que provam mais que a sua existencia, as suas tentativas criminaes. Elles fazem reuniões nocturnas nos pontos mais escusos da cidade —elles consideram-se bem, porque a policia dorme. Pois é para esta horda de malvados que a sociedade pede toda a acção policial. E não o conseguirá, porque aqui só se accorda depois das grandes desgraças. Espera-se que succeda alguma de grande tomo para depois se providenciar. Os governos aqui só teem vida e acção para as cousas politicas. Fóra d'esse campo não ha nada que incommode as altas potencias governativas.

— Algumas padarias da capital parecem resolvidas a fechar, porque os seus proprietarios chegaram a convencer-se de que o sr. ministro das obras publicas protege demasiado as moagens contra as padarias. Não sei até que ponto seja verdadeira a razão que se apresenta, mas se é certo que existe uma differença notavel entre o preço das farinhas e aquelle porque os padeiros são obrigados a vender o seu genero, motivo ha não para fechar, mas para reclamar contra a injustiça que possa haver.

— O sr. ministro da fazenda trabalha activamente no prehenchimento dos logares vagos de escrivães de fazenda, - ainda na collocação do pessoal aduaneiro. E' por isso que tem estado fechado no seu gabinete com os directores geraes, fallando a pouca gente.

— Como já sabem, o sr. reitor do lyceu naciodal d'esse districto negou-se a dar posse ao professor nomeado pelo governo para a regencia interina da cadeira de latim, nomeação que havia recahido na pessoa do sr. José Marques de Castilho, clerigo illustrado e de costumes exemplares. Como o facto tem bastante importancia, ha curiosidade em saber como o sr. João Franco resolve a questão, que a todos se affigura grave, e que realmente o é.

— Já regressaram de Coimbra á sua casa de Lisboa os srs. marquezes de Pomares.

— Está já assignado o decreto que aposenta o sr. Daniel da Silva Ribeiro do logar de consul de Portugal no Rio de Janeiro. Ao aposentado é garantido o ordenado respectivo.

— O nosso amigo sr. Ricardo Souto, director-clinico do instituto Electro-Homeopathico de Lisboa, parte hoje para a sua casa d'Angeja, onde poucos dias se demorará.

— Continua a sentir melhoras, que são muito para apreciar, o nosso amigo, sr. Francisco d'Almeida e Brito.

— Aos srs. Diogo Souto e Ernesto de Vasconcellos foi concedida uma porção de terreno entre os rios Limpopo, Manzane e Incomati, em Moçambique. A Companhia organisada por aquelles cavalheiros deve estar constituida no praso de um anno. Os trabalhos de pesquizas mineraes deverão começar 6 mezes depois e a exploração agricola no praso de 18 mezes. A Companhia organisará um serviço de barcos a vapor no rio Limpopo, construirá um telegrapho e estabelecerá alli até 1:000 familias de colonos portuguezes.

— O chefe dos serviços telegraphicos do Porto, sr. Jorge da Cunha, havia pedido para ser auctorisado a conseguir os apparelhos e material preciso por fórma a poder-se ouvir em Lisboa o julgamento do dr. Urbino de Freitas. Este pedido foi indeferido.

— Como sabem, entrou em julgamento o carpinteiro Lobo, que em julho praticou o assassinato do sr. dr. Manuel José da Silva. Este acaba de ser condemnado em *10 annos de prisão* maior cellular seguidos de 20 de degredo em possessão de 2.ª classe com 2 de prisão no local do degredo e na alternativa de 31 de degredo com 10 de prisão no local do degredo. O Lobo ouviu lêr a sentença friamente, e quando o sr. juiz lhe communicou, que a lei o obrigava a applicar-lhe aquella pena, a maior que na sua carreira tem applicado, e a maior que ha no codigo, encolheu os hombros e resmungou: «Tanto faz... eu pouco posso viver...» E deixou cahir a cabeça sobre o peito.

O sr. delegado do ministerio publico, por dever de officio, appellou da sentença. O reu, sempre aparvalhado e cynico, quando o juiz lhe disse que procurasse conciliar-se com Deus, respondeu: «Vou tratar disso.»

— Por despacho de 14 do corrente foi auctorisado o pagamento das gratificações aos professores de instrucção primaria que fizeram serviço de exames em abril e maio ultimos, nos termos do decreto de 16 de março de 1893.

— Chegou dos portos do Brazil o *Rei de Portugal*, trazendo de regresso ao paiz 355 passageiros.

— Foram transferidos, a seu pedido, os escrivães de fazenda de Penafiel para a Figueira e da Figueira para Penafiel, e são os srs. Jacintho de Sousa Caldas, e Manoel d'Ascensão Espinho. Este estava em Penafiel e vae por conseguinte para a Figueira; para Penafiel vae o sr. Caldas, que estava na Figueira.

— O sr. Eugenio da Costa Salles foi exonerado, a seu pedido, de escrivão de direito da Feira.

Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Já regressou da Povoa do Varzim á sua casa de Vieira, o distincto facultativo e nosso muito presado amigo, sr. Manuel José Ramalho de Barros.

— Passa ámanhã o anniversario natalicio do venerando prelado d'esta diocese, sr. Bispo Conde, a quem saudamos jubilosamente, fazendo votos por dilatados annos da sua tão preciosa existencia.

Igualmente é amanhã o anniversario natalicio do nosso apreciavel e valente collega, sr. Joaquim Martins de Carvalho, conhecido e veneravel redactor do *Conimbricense*. As nossas sinceras felicitações.

— Foi na quinta-feira o anniversario natalicio da ex.ma sr.ª D. Libania Herminia Barbosa de Magalhães, prezada irmã dos nossos dilectos collegas, srs. Francisco e dr. Barbosa de Magalhães. Os nossos parabens.

— Tem estado, já desde ha dias, com uma tremenda bronchite, a menina Soledade Pereira da Cruz, estremecida e galante filhinha do nosso illustrado amigo e considerado facultativo, sr. dr. Pereira da Cruz. Ardentemente desejamos o prompto restabelecimento da galante creança.

Incommodo grave.—Foi ante-hontem acommettido de uma congestão pulmonar, quando estava a examinar uns documentos referentes ao processo Urbino de Freitas, o sr. dr. Alexandre Braga. O facto deu-se no escriptorio do sr. dr. Themudo Rangel, seu companheiro de trabalho na defeza d'aquelle reu. Felizmente o estado do illustre advogado não se tem agravado.

Dôr.—Um novo infortunio acaba de empanar a existencia do nosso amigo sr. Manuel das Neves Ribeiro. O honrado cidadão, que ha pouco ainda perdera um filho já presbytero, acaba de ver finar-se mais uma filha já senhora, que era o seu enlevo—porque era um ser virtuoso e nobre.

Cruciantes dôres flagellam o cidadão intelligente, probo e digno, que tão bom nome deixou como funccionario n'este districto. Que Deus se amercie de quem tanto soffre.

Ao dorido acompanhamos, como devemos, na sua dôr.

Rectificação. — Não foi na Relação de Lisboa, como por engano se disse no nosso n.º anterior, mas no Supremo Tribunal de Justiça que se decidiu a questão da sr.ª Condessa de Penha Longa. Na Relação de Lisboa já ha muito que ella tinha sido decidida e tambem a favor da sr.ª Condessa. Agora foi a suprema instancia judicial que confirmou o julgamento da Relação.

Fabrica da Fonte Nova.—Por vezes nos temos referido aqui aos magnificos productos da fabrica da *Fonte Nova*, propriedade do infatigavel industrial, nosso conterraneo e amigo, sr. Carlos da Silva Mello Guimarães. Nunca será demais repetil-o, e é com um vivo prazer que fazemos hoje a transcripção de duas noticias que se lhe referem, e que encontramos em dois jornaes de Lisboa:

Do *Correio da Tarde:*

EXPOSIÇÃO DE FAIANÇAS

Na rua do Carmo, á esquina das escadas de Santa Justa, está a conhecida loja do sr. Caetano. Encontram-se alli em exposição á venda os magnificos productos da fabrica de faianças da Fonte Nova, Aveiro. Merece o trabalho de uma pequena visita aquelle estabelecimento. Em Portugal, nunca se fabricou melhores e mais bonitos e economicos objectos de ornamentação. Vazos, floreiras, e sobre tudo os bellos azulejos em paizagem. E' um primor, podemos asseveral-o, sem que nos fasciem as nossas relações d'amisade com o industrial proprietario d'aquella fabrica, que é ainda moço, empreendedor e d'uma coragem muito superior aos recursos de que dispõe.

Não é «reclamo», o que dizemos. O publico que vá vêr aquella exposição, que ha de ficar, como nós, encantado. Aproveitará assim utilmente o seu tempo, e ficará habituado a fazer justiça á industria nacional.

Do *Correio Nacional*:

INDUSTRIA NACIONAL

A fabrica da Fonte Nova, d'Aveiro, tem um deposito em Lisboa, para os seus artigos de phantasia. A esse deposito chegou uma grande remessa de objectos do seu ultimo fabrico, que estão atrahindo as attenções. Em azulejos, chapas e mais artigos de decoração, tem uma grande variedade. Temos ouvido que são dignos de elogio alguns dos trabalhos em exposição na rua Nova do Carmo, no estabelecimento do sr. Caetano José da Costa, onde se acha o deposito d'aquella fabrica.

Decerto não serão apenas estes dois collegas que se lhe referirão. Outros darão noticia da exposição, e farão aos productos da *Fabrica da Fonte Nova*, os elogios que merecem. As nossas felicitações ao sr. Carlos de Mello, as mais intimas e as mais sinceras.

Palacete.—O nosso illustrado amigo, sr. visconde de Valdemouro, vae construir na rua de José Estevam, d'esta cidade, um palacete elegantissimo, que destina á sua habitação. O risco, que é um modelo architetonico, foi feito pelo habil desenhador nosso amigo, sr. Francisco da Silva Rocha, cuja competencia está firmada e reconhecida por muitos outros trabalhos de vulto e de sciencia.

Estado sanitario. — Em consequencia das alternativas do tempo, estão-se sentindo n'esta cidade, bastantes doenças, taes como—*influenza*, variola, constipações, etc. Tambem no concelho d'Ilhavo, continua anormal o estado sanitario, havendo muitos casos fataes na Gafanha.

Trabalho de pesca.—Não o houve em toda a semana, porque o tempo o impediu, e dizemos o tempo porque alguns dias houve que permittiam o trabalho. Não ha por conseguinte sardinha no mercado, e os pequenos restos que ainda apparecem, chegam apenas para matar desejos, como costuma dizer-se, pagando-se a 3 e 4 ao vintem, preço que corresponde a 5$000 e 6$000 reis o milheiro.

Falta geral.—E' geral a falta de pesca por toda a parte. Desde o extremo norte do paiz ao extremo sul a sardinha não se encontra ao alcance das redes. Queixam-se os pescadores do Algarve, queixam-se os de Setubal, os tarrafeiros de Lisboa, os de Peniche e os de todas as costas para o norte. Este estado de cousas soffreu no sabbado da semana anterior uma notavel modificação. N'este dia houve sardinha em todas as costas onde se pesca pelo systema de arraste, e não foi tão insignificante a pesca n'esse dia que não produzissem, alguns lanços, 400$000, 500$000 e algum houve de 1:000$000.

As lanchas que n'este tempo cobriam a cosea desde Vianna até á Figueira é que se não veem no mar. Vae por isso muito mal para os pobres pescadores da Povoa do Varzim, de Mathosinhos, de Buarcos e d'outros pontos. Do Algarve e de todo o sul as noticias são as mais desastrosas, e tanto que as fabricas de conserva continuam fechadas—uma desgraça geral.

Deus acuda a todos, porque as cousas assim vão muito mal.

Tempo.—Não cessou por em quanto a chuva. O vento foi hontem noroeste forte, hoje é norte alto, mas violento—d'este norte que levanta o mar e que produz frio intenso. O que succederá depois d'isto, Deus o sabe. O que cada vez se prova mais é que Noherlesoom acerta quasi sempre nos seus vaticinios, apesar mesmo da opposição dos seus detractores, que tambem os tem e auctorisados.

Para Mellila.—Sob esta epygraphe, um collega nosso escreve:

O nosso velho amigo e collega Dias Freitas, acaba de partir para Mellila, como representante do «Correio da Manhã», afim de informar aquelle excellente diario, sobre as hostilidades entre hespanhoes e riffenhos, levando carta branca, para ser protegido pelo general em chefe, Macias, em cujo quartel general se hospedará. O nosso amigo, ira munido de algumas munições de guerra, especialmente de armas brancas, de que fará uso, se os kabilas do Riffo provocarem na sua visita a Fragaria, Mezquita e Maruza. E' provavel que o nosso destimido amigo seja respeitado no campo mouro, por isso que a sua missão é toda de paz e concordia. Desejamos-lhe uma feliz viagem e que regresse em breve, para nos dar o prazer de continuar a collaborar no nosso jornal, onde tem e terá sempre, o primeiro lugar entre os que nos honram com a sua valiosa cooperação.

Casamento clandestino.—Como é sabido, a sr.ª D. Bertha Sampaio casou clandestinamente em Coimbra com um seu primo, á vontade de sua avó. O sr. bispo do Porto nega-se a legalisar este consorcio, em consequencia do que os consorciados, por tal modo, foram a Vigo e consorciaram-se alli pela mesma forma por que o havia feito sua irmã a sr.ª D. Maria Augusta.

Acto bom.—A officialidade de infanteria 6, aquartellado em Penafiel, resolveu tomar a seu cargo o sustento e educação de duas filhinhas de um tenente, seu camarada, que falleceu no domingo, não deixando meios alguns de fortuna, como acontece com os militares e os funccionarios civis.

Actos d'estes, registam-se com o louvor que merecem.

A recuperação da vista.—Na Figueira de Castello Rodrigo, uma mulher que ha 15 annos era cega, acaba de recuperar a vista, sem que para isso praticasse acto algum medico ou cirurgico. Adormeceu cega, amanheceu com vista. E' caso que tem provocado na localidade e com razão a attenção publica.

Effeitos da imprevidencia.— Mortes por effeito dos cogumellos.—No Castanheiro do Sul, povoação do concelho da Pesqueira, *morreram ha* dias cinco pessoas envenenadas, com miscaros ou cogumelos. Um individuo por nome Daniel, sahiu á caça e achou uns cogumelos, que julgou serem inoffensivos; apanhou-os e levou-os á mulher para o jantar. No dia immediato toda a familia comeu cogumellos, excepto o Daniel, que de novo partiu para a caça. A restante familia, mulher, pae e tres filhos comeram com grande appetite do mortifero guizado. Horas depois estavam todos com o estortor da morte no meio de horriveis afflicções. Tão rapidos foram os effeitos dos miscaros que, quando o medico appareceu, já os cinco desgraçados estavam mortos.

Previsão de tempo.—Diz Noherlesoom com relação á segunda quinzena do mez de novembro: Será esta quinzena de caracteres meteorologicos bem oppostos aos da anterior, com respeito á peninsula. Passado o dia 16, que será o termo do ultimo periodo tempestuoso da quinzena anterior, restabelecer-se-ha o equilibrio atmospherico. Desde o dia 18 predominará o tempo proprio da estação, devendo durar até 25. Os ultimos cinco dias do mez serão desagradaveis e chuvosos, com ventos de entre sudoeste e noroéste, e temperaturas baixas.

Para exportação.—O fructo dos laranjaes de Coimbra já se acha todo vendido para exportação. Este anno é alli menor a quantidade e peor a qualidade.

O valor dos cereaes no Minho.—Decresce alli o preço do milho e d'outros cereaes. Os 20 litros, estão pelo preço de 480 reis.

Correio da Moda—Transcrevemos do ultimo numero da *Moda Illustrada* o seguinte:

Em Paris, presentemente, as modas todas são—russas—e por isso devemos esperar que, durante o inverno, vestidos, casacos, capas e até mesmo chapeus serão guarnecidos de peles, como acontece com todas as *toilettes* usadas pelas damas do norte. Como os francezes procuram por todos os modos mostrar a sua affeição á Russia, dão agora o nome das cidades, dos rios e das villas d'aquelle imperio aos tecidos com que se hão-de vestir na proxima estação. E' por isso que já vamos vendo a lã Nova, uma linda phantasia que nos faz lembrar as neves de S. Petersburgo, porque o tecido, que é de lá flexivel, mas muito espessa, e de côr oscura, tem por cima abundantes fios brancos que quasi lhe escondem o fundo, e que expostos ao sol, mostram reflexos brilhantes como a neve que imitam. Outra lã, a que chamam *Moscow*, é tecida com seda, ficando esta relevo, e tendo cada fio côr differente. O effeito é magnifico, e vêsse esta mesma disposição em seda e velludo.

Teremos tambem os grandes *paletots* em panno verde, guarnecidos de pelles, a que chamam *Avellan*, como imitação dos que usavam os officiaes russos e a que deram o nome do almirante. O branco e o preto reunidos serão tambem muito usados, como lembrança dos fardamentos dos marinheiros russos. Nos feitios, por ora, não se encontra uma grande mudança. As saias conservam o mesmo corte, mas são muito mais enfeitadas. Os folhos, os galões bordados, as fitas as guarnecem não só em barras, em baixo, mas subindo n'algumas até á cintura. Saias lisas, poucas se fazem, a não ser as de velludo e damasco, ou então as de lãs fortes lavradas.

Nos corpos a differença será alguns terem abas. As guarnições é que cada vez são mais volumosas. Muitos folhos, uns franzidos, outros pregueados. Muitos tambem são cortados em *abat-jour*, formando abundantes encanudados. As mangas são d'uma exageração espantosa! Justas até ao cotovello, tem uma roda desmedida para cima. Mas é tal o poder de moda que, apesar de conhecermos que aquelle montão de tecido descendo dos hombros é ridiculo, já achamos as mangas tão bonitos que nos parece não pode haver trajo elegante sem ellas. Fazem-se presentemente muitos peitilhos separados dos corpos, o que é uma moda excellente, porque se pode com o mesmo vestido, principalmente se é preto, fazer diversas *toilettes*. A musselina de seda em tufos ou pregueada é o tecido que mais se emprega n'estes enfeites, o qual, junto com algumas rendas e laços de fita bem collocados, forma essas lindas guarnições que d'um simples trajo madam em *toilette habillée*.

As creanças, tanto meninas como rapazes, usam muitos os tecidos escocezes. Por differentes vezes temos mostrado a nossa predilecção por estes vestuarios. São commodos e bonitos. O feitio mais em voga são as blusas, seguras por um cinto de couro natural ou um laço de fita. O enfeite que se lhes põe consiste em dois ou tres cabeções sobrepostos, cortados em *abat-jour*, e que se fazem em panno ou velludo da côr que mais se encontrar no tecido escocez. Estes cabeções, que compõem uma especie de pequena camalhe, podem-se fazer separados da blusa, presos em golla direita para se usarem com todos os vestidos.

O conflito hispano marroquino.—O general Macias, governador de Melilla, enviou aos chefes das tribus riffenas uma carta asim concebida:

«Deus vos guarde. Antes de atacar-vos quero que saibaes que sou governador de Melilla e commandante geral de todas as forças de S. M. el-rei D. Affonso XIII, que Deus guarde. A Hespanha tem feito direito de construir o forte Agueriach, porque está em territorio seu estipulado pelos tratados, e este forte ha-de construir-se ainda que se oppozesse o mundo inteiro. Tenho aqui muitos batalhões e vereis diariamente chegar a este ponto reforços e petrechos de guerra, e assim que o peça ao meu rei virão todas as forças que sejam necessarias para castigar a vossa incomprehensivel rebellião.

Repito, pois, que antes de atacar-vos desejo que penseis que a responsabilidade é só uma quando ámanhã me encontreis em campo da batalha e sejaes derrotados com perda de familias e fazendas. Tenho a paz em uma das mãos e a guerra na outra. Escolhei. A razão está da parte da Hespanha. Confio que o Deus da guerra me dará a victoria—*Macias.*»

Com relação ao correspondente inglez que o general Macias não consentiu em Melilla, dão os jornaes hespanhoes os seguintes promenores:

Ao apresentar o correspondente os passaportes ao general Macias, este manifestou-lhe que não podia permanecer em Melilla sem brévia authorisação do governo hespanhol. Em vista d'isto o jornalista inglez embarcou para a Hespanha, a fim de ir a Madrid e obter, por intermedio do embaixador da Inglaterra, a licença necessaria.

Está-se instaurando um processo em Melilla por ter descoberto um deposito clandestino de armas e munições, dizendo-se que passam de 30:000 espingardas Remingtod que da praça foram facilitadas aos riffenos. Parece que n'este processo se acha implicado um tenente, e nos outros militares causou tal indignação o saber-se que ha um official hespanhol implicado no contrabando de armas, que só se ouve bradar: «Tira do exercito esse sêr miseravel! E' preciso fuzilal-o! Assim o pedem a opinião e a dignidade do exercito!» Ante-hontem á noute circulava a noticia em Madrid de que fôra fuzilado o alludido tenente.

A catastrophe de Santander.—A população de Santander, tão experimentada já pela desgraça, com a terrivel catastrophe que temos indicado, apoderou-se quatro dias depois d'um medo inexcedivel e justificado á ideia de que aquella formosa cidade, emporio de commercio, ia soffrer os effeitos d'uma nova explosão, que terminaria talvez a obra destruidora, tão cruelmente iniciada no dia 3 do corrente. Soube-se de repente que no casco do *Machicago*, tinham ficado seiscentas caixas de dynamite. E que podendo a agua libertar a materia inerte da nytroglicerina esta fica em condições de poder explosir ao mais insignificante choque. Todos se convenceram de que era impossivel evitar a explosão. Por isso Santander tornou-se em pouco tempo uma cidade deserta. As lojas fecharam-se. As officinas viram-se abandonadas pelos artistas, e as transacções do porto, interromperam-se por completo. A's tres da tarde, pode-se affirmar que não tinham ficado na cidade mais de 300 pessoas. Os passageiros, que vinham nos comboios eram detidos pelos fugitivos ao gritos de: «Não sigam. Esta tarde vae haver nova explosão». No mar, os receios não eram menores. Do sitio em que o *Machicago* se afundou, affastavam-se apressadamente os vapores, que estavam perto. Como se vê pelos telegrammas posteriores, o terrivel explosivo, poude tirar-se do casco do vapor, sendo cuidadosamente transportado em fragatas até doze milhas, em frente da ilha Mouro, sendo ahi lançado ao mar, que tem n'aquelle sitio uma enorme profundidade.

E' verdadeiramente contristador o que se passa no hospital. Por toda a parte se ouvem gritos desesperados e cruciantes. Os medicos não param um instante trabalhando em curativos, em operações. A atmosphera é pesada. Sente-se um cheiro insupportavel. Os membros cortados, jazem cahidos no chão, emquanto os padecentes se contorcem em lamentações angustiosas. Na maioria dos casos, as operações foram inuteis. A purulencia das feridas, vae matando successivamente o maior numero das victimas. A affluencia de doentes, é tão grande para as proporções do hospital, que alguns medicos, temem o desenvolvimento d'uma febre infecciosa, provocada pela agglomeração dos feridos, que viesse depois dizimar a população. Por isso se tem tratado de montar a toda a pressa hospitaes provisorios.

Entre os nomes dos benemeritos que mais se tem distinguido na pratica das mais nobres acções a favor das victimas da terrivel catastrophe, aponta-se com justiça o do nobre marquez de Cernillas, que, assim que soube da explosão, mandou immediatamente ordens telegraphicas aos seus representantes em S. Sebastião e Bilbáo, para que todos os seus barcos ancorados n'aquelles portos, seguissem logo para Santander, conduzindo o material sanitario e de incendios, que podessem reunir, e que elle satisfaria pelo seu bolso particular. Depois d'isto, mandou distribuir esmolas no valor de 50:000 *pesetas. A' sua chegada a Santander*, deu-se uma scena que merece relatar-se. Dirigiu-se a elle o pessoal da Companhia transatlantica e o seu representante disse-lhe: «Santander, não sabe como hade agradecer a v. ex.ª os favores recebidos».

— Nada tenho feito. Venho aqui compartilhar das suas dores e lagrimas. Em seguida o marquez dirigiu-se a pé, ao local da catastrophe.

O attentado de Barcelona.—O projecto de lei contra os anarchistas que o governo hespanhol está disposto a apresentar á sancção das côrtes, terá as seguintes bases:

Declarar-se-ha illicita qualquer associação anarchista. Castigar-se-ha com penas graves toda a inducção, excitação ou proposta para commeter delictos d'aquella indole, sendo mais duramente punidos os authores moraes que os materias. Adoptar-se-ha um processo rapido nas causas instruidas contra os anarchistas. De Madrid partiu para Pariz um empregado superior do ministerio dos estrangeiros, commissionado pelo governo hespanhol, para conferenciar com o ministro dos negocios estrangeiros de França. Parece que se trata de entabolar negociações para que ambos os paizes emprehendam uma acção commum contra o anarchismo. Ainda não está provado que entre os anarchistas presos se ache o author do atroz atentado. A policia de Barcelona continúa a effectuar prisões. Em Madrid tambem foram presos alguns anarchistas.

Communicam de Pariz que houve uma reunião de anarchistas em Sant-Ouen, fazendo-se n'esta reunião, como era de prevêr, a apologia do attentado de Barcelona. Um dos oradores chegou a dizer que era necessario queimar tudo e matar todos os burguezes.

Alguns jornaes francezes manifestam que se torna preciso celebrar um congresso internacionul a fim d se adoptarem medidas geraes e energicas contra os anarchistas. Refere tambem o *Evcnement* que o attentado de Barcelona é o inicio de uma série de attentados que os anarchistas projectam realisar e que é forçoso que os governos de todas as nações estejam precavidos e álerta.

Para libertar o Papa.—Um jornal de Pariz, conta o seguinte:

Dous industriosos italianos, e uma italiana, que se intitulava condessa de Saint-Arnaud, conseguiram persuadir um padre francez e duas outras pessoas, de que se tornava urgente libertar o soberano pontifice. Leão XIII, contavam os industriosos, não vive como se julga, no Vaticano. Raptado, n'uma noute, no meio do maior segredo, sequestrado em um subterraneo, é um falso Papa, que desde então recebe os embaixadores e os peregrinos de toda a christandade. Para libertar Leão XIII da sua posição, era preciso corromper o carcereiro, que nada tinha de vulgar, e que era um principe com uma existencia entrecortada de infortunios, entre outros o de envenenar seu primo, o archiduque Rodolpho. Ora, para corromper o principe e fazer evadir o verdadeiro Papa, tornavam-se necessarios 60:000 francos (10:800$000), o que não seria difficil arranjar se houvesse ainda no mundo bons catholicos para obra tão pia. Tal foi a historia que os industriosos italianos contaram ao abbade de Loigny, indo este depois a Roma, a fim de tentar a libertação do Papa. Na capital do orbre chistão o abbade foi recebido pelo conde de Bustello Foscolo, um dos industriosos, e pela condessa de Saint-Arnaud. Mas para libertar Leão XIII, eram precisos os 60:000 francos. O abbade, entregou-os e depois d'isto voltou para a sua parochia, onde elle e mais dois dos seus parochianos que tinham concorrido com parte do dinheiro, esperaram o desenlace da historia. Mas foi decorrendo o tempo e os bons dos burlados nunca mais ouviram fallar da libertação do Papa, nem tiveram noticias dos industriosos e aristocraticos italianos. Suspeitando por fim de que tinham sido burlados, queixaram-se á policia de Pariz, contando-lhe a incrivel historia. A policia tratou de averiguar e por fim lançou a mão ao pseudo conde Bustello Foscolo, encontrando-lhe apenas uma somma de 25 centimos e uma mala que continha 58 condecorações estrangeiras e um uniforme de marechal da republica do Honduras!

Conselhos d'Alexandre Dumas. — Caminha duas horas por dia, dorme sete horas de noite; deita-te sempre só, logo que te dê o somno; levanta-te logo que acordes, trabalha logo que te levantes.

Não comas, senão quando tiveres fome, não bebas senão quando tiveres sêde, e sempre de vagar.

Falla só quando fôr preciso e não digas senão metade do que pensas; escreve o que poderes assignar, não faças senão o que podes dizer.

Não procures as mulheres até aos vinte annos e affasta-te d'ellas depois dos quarenta; destróe o menos possivel.

Perdôa a todo o mundo, para estares em segurança; não desprezes os homens, não os odeies, não te rias d'elles; lastima-os.

Pensa na morte todas as manhãs, ao vêr a luz, e todas as noites, ao entrares na sombra.

Não esqueças nunca que os outros contam comtigo e que tu não deves contar com elles.

Quando soffreres muito, olha a dôr bem, de frente, porque ella te consolará e te ensinará alguma cousa.

Esforça-te por ser simples, por te tornares util, por ser livre, e espera, para negar Deus, que se tenha provado que elle não existe.

Alexandre Dumas, deita-se ás dez horas da noite e levanta-se ás cinco da manhã, quer de verão quer de inverno.

Não fuma e não bebe licôres.

OS PARTIDOS POLITICOS EM PORTUGAL

1830-1832

II

(Continuação)

Quando se tratou de organisar a expedição em que D. Pedro devia vir a Portugal, o governo do regente abusou um pouco da sua posição e confiando demasiado no enthusiasmo que iria despertar no continente a presença de D. Pedro principiou a affastar systematicamente de tomarem parte n'ella muitos dos que tinha por seus antagonistas. Um dos excluidos foi o chefe da opposição, o general Saldanha. Foi o proprio D. Pedro que lhe communicou que elle não podia ser empregado militarmente na expedição, por a indisposição que contra elle tinham alguns gabinetes estrangeiros, especialmente o de Madrid. Parece que alpuma cousa de verdade havia n'isto e que as razões da exclusão de Saldanha não foram méros pretextos. Não o quiz acreditar porém Saldanha e com elle os seus partidarios, que redobraram nas suas queixas e accusações contra D. Pedro. A exclusão da expedição não se limitou ainda assim só a Saldanha e a Rodrigo Pinto Pizarro, outros officiaes generaes, se não foram excluidos tão terminantemente, foram-no por outra forma, não sendo convidados a tomar parte n'ella—facto que se não deu com muitos outros.

«Uma exclusão tão cheia de flagrante injustiça, diz Soriano, para com estes generaes, que por si não tinham as circumstancias de Saldanha, não podia deixar de fazer a mais viva e forte impressão no publico, e de attrahir sobre os seus auctores novos motivos de queixa, que elles ou por indiscretos, ou por acinte partidario, d'este modo forneciam ás accusações e queixas dos seus adversarios.»

A exclusão de tomarem parte na expedição aquelles officiaes generaes causou grave desgosto na Terceira, e levou por assim dizer alli o pomo da discordia. Até então não tinha havido na ilha discrepancia de pensar, desconheciam-se por completo as divergencias partidarias, pois não obstante haver partidarios de Palmella e de Saldanha, não se manifestavam abertamente, havia um só partido o da Carta e Rainha. Depois já não succedeu assim, o espirito de partido principiou a manifestar se dividindo-se os que até então tão unidos sempre estiveram.

Felizmente esta divisão não prejudicou tanto como era para receiar a causa constitucional. Chegado a Angra no dia 3 de março de 1832, D. Pedro, n'esse mesmo dia decretou reassumir a auctoridade que outr'ora depositara nas mãos da regencia. Nomeou logo ministerio que ficou composto do marquez de Palmella, com a pasta dos estrangeiros e interino do reino; José Xavier Mousinho da Silveira, com a pasta da fazenda, e interino da justiça, e Agostinho José Freire com a pasta da guerra e interino da marinha.

Durante muitos mezes as arremettidas do partido saldanhista estiveram como que encubadas, esperavam occasião para se manifestar. No Porto durante os primeiros tempos quasi que parecia que o partido opposicionista não existia, tão cordatos e submissos se apresentava a maioria dos seus partidarios. Depois principiaram estes a manifestarem-se emprehendendo uma campanha de descredito contra o conde de Villa Flor a quem attribuiam o desastre de Santo Redondo e a apathia em que se achavam as operações do exercito. Ao fim que com isto tiveram em vista foi preparar as cousas para a vinda do seu chefe, Saldanha. Por portaria de 3 de novembro de 1832 foi levantado o ostracismo que estavam condemnadas Saldanha e os demais officiaes generaes com excepção unica de Pisarro, que tinham sido inhibidos de tomar parte na expedição. O governo retardou tanto quanto pôde esta medida, receoso da preponderancia que Saldanha não só tinha no exercito, mas tambem do grande numero de partidarios que contava entre os paisanos, um partido emfim que nada fora capaz de aniquilar.

No principio de dezembro deu-se uma crise ministerial; o ministro da fazenda José Mousinho da Silveira inesperadamente pediu a sua demissão. Nada houve capaz de o demover de tal proposito. Para o substituir foi chamado José da Silva Carvalho, que para acceitar impoz a entrada tambem para o ministerio de Joaquim Antonio de Magalhães, o que foi acceite. Aquelle ficou com a pasta da fazenda, e este com a da justiça, que eram as que geria Mousinho da Silveira. Os restantes ministros ficaram com as pastas que já anteriormente tinham, e a politica ministerial continuou a ser a mesma que até ahi; a administração, porém, essa é que melhorou bastante com a entrada dos dois novos ministros. Que esta recomposição ministerial não tivesse, como com effeito não teve a approvação dos saldanhistas não era para estranhar, mas o que é para isso era o ella ser condemnada pelo marquez de Palmella e Mousinho d'Albuquerque, ambos membros do gâbinete, mas a esse tempo em Londres no desempenho de uma alta missão diplomatica. Por decreto de 11 de janeiro de 1833 foram demittidos de ministros, bem como d'aquella missão.

Para ministro do reino foi então nomeado Candido José Xavier, e dos estrangeiros o marquez de Loulé. Palmella e Mousinho d'Albuquerque receberam com grande azedume a demissão que aliás haviam pedido, cahindo ambos no desagrado de D. Pedro que lhes levou muito a mal o seu proceder n'esta occasião.

No dia 28 de janeiro chegou ao Porto Saldanha e os demais generaes a quem até então não havia sido permittido o virem combater pela liberdade da sua patria. Foi mais que cordeal a recepção que tiveram, não obstante o governo haver tomado providencias extraordinarias, como eram o não se lançarem fogos de artificio, e que não podesse haver grandes ajuntamentos, receoso de qualquer sublevação.

Os saldanhistas cresciam de dia para dia, e as suas accusações contra o governo redobravam tambem. Em auxilio d'ellas relembravam elles as faltas commettidas em 1826 e o malogro da revolução em 1828, sem se lembrarem que um dos culpados d'ella fôra o seu chefe.

A vinda do general Saldanha animou sobremaneira os seus partidarios, que eram todos os que por qualquer motivo não sympathisavam com os ministros. Com o seu chefe á frente, não admira que a opposição redobrasse de energia, e que o governo se temesse devéras da sua acção e prestigio.

«A opposição, escreve Soriano, tornou-se mais compacta e systematica, e as suas queixas correram de então por diante com mais energia e azedume. Emquanto os ministros e os seus partidarios chamavam aos da opposição inimigos de D. Pedro, avidos do poder e do mando, demagogos e propensos á anarchia, Saldanha e os antagonistas do governo olhavam para os ministeriaes como gente abjecta e aduladora do poder, servindo sem lhes importar a quem, nem attenderem ao bem do paiz, ou ás qualidades moraes dos ministros, com tanto que estes tivessem que dar, e déssem effectivamente. O systema de governo era arguido de formar uma clientella corrupta, ou *guarda pretoriana*, que cegamente o applaudisse e lhe defendesse todas as suas medidas.

Então começaram a popularisar-se as queixas contra os ministros, por não terem abastecido a cidade de viveres, e os depositos e o arsenal do exercito de mantimentos e munições de guerra, logo que se viram cercados pelas forças inimigas. A conservação da Serra do Pilar, olhada como inspiração feliz, não dos ministros, mas do govsrnador militar do Porto, servia de prova á impericia dos conselheiros da regente, redobrada ainda mais esta culpa com as accusações que lhes faziam, pelo abandono de Villa Nova e da immensa riqueza dos vinhos que lá ficára. A mais insignificante medida do governo estudava-se pelo lado que lhe podia ser hostil e como tal se interpretava, e se assaltava depois, dando-se como attentatoria da Carta Constitucional.» (Tomo IV, pag. 208.)

O triumpho alcançado pelo general Saldanha no dia 4 de março nos reductos do Pastelleiro e Pinhal, augmentando a influencia e prestigio d'este general, foi encher de pavor o governo que principiou a ver nas victorias do seu rival a sua propria derrota. Na Foz havia Saldanha organisado um *club* a que pertenciam moitos officiaes e outras pessoas de elevada cathegoria. Este *club* mandou uma deputação ao Porto, a fim de sollicitar do ministro da marinha Bernardo de Sá Nogueira, a queda do ministerio com excepção unica d'elle. Bernardo de Sá recusou-se terminantemente a cooperar para a queda dos seus collegas, e informou a deputação que se elles fossem obrigados a deixarem o poder, elle os acompanharia tambem. Mais lhe disse que sendo como era má a situação da causa constitucional, tinha por inconvenientissima na presente occasião a substituição do ministerio, pois isso iria encher de prazer os miguelistas.

Apesar dos prudentes conselhos de Bernardo de Sá, os saldanhistas continuaram nas suas investidas contra os ministros, não poupando o mais das vezes a propria pessoa do regente. Um dos meios de que então lançaram mão foi uma petição dirigida a D. Pedro, pedindo a demissão do ministerio e indigitando Saldanha para presidente do conselho e que devia ser assignada por todos os commandantes de divisão e de brigada. O primeiro que devia assignar tal papel era o duque da Terceira, mas como este se recusasse a fazel-o, todos os outros se recusaram egualmente a dar-lhe o concurso dos seus nomes, o que ainda assim não obstou a que a alludida representação chegasse ao seu destino, pois de a entregar a D. Pedro encarregou-se o marechal Solignac. Os resultados d'ella, porém, é que foram inteiramente nullos.

Quando em Londres se tratou de organisar uma expedição para vir em soccorro da causa constitucional e para commandante d'ella se convidou o almirante Carlos Napier, este pôz por condição para acceitar esse commando o ser acompanhado pelo marquez de Palmella que, como dissemos, estava então no desagrado de D. Pedro. Quando um e outro chegaram ao Porto com os navios que deviam formar a expedição, parece que houve ideia de expulsar Palmella; pelo menos D. Pedro recebeu-o friamente, e a seu turno os ministros quasi que o pozeram inteiramente de lado. D. Pedro a principio reputou a expedição como destinada a prival-o da regencia, vista a parte importante que n'ella se dera a Palmella.

Isto deu certa popularidade a Palmella, a ponto dos saldanhistas o desejarem para chefe d'uma nova situação, chegando mesmo a trabalharem para isso.

(Continua.)

MARQUES GOMES.

TRATADO DE COMMERCIO ENTRE PORTUGAL E HESPANHA

Do notavel discurso proferido na camara dos dignos pares do reino nas sessões de 7 e 8 de junho de 1893 pelo nobre par o sr. conde Casal Ribeiro, agora publicado, extractamos os seguintes periodos, com referencia ao iberismo e ao livro recentemente publicado pelo nosso amigo, sr. Accacio Roza, um novo escriptor de reconhecido merecimento:

«Todo o iberismo que ha aqui consiste em pôr-se ponto final n'uma ridicula situação. E digo ridicula, porque emquanto a Hespanha nos fazia uma especie de cortejo amigavel, decente e honesto, nós tinhamos por costume amuar como a menina malcreada, virar as costas, por amôr da tonta apparencia de virtude que os francezes chamam *pruderie*.

Podia limitar-me a esta resposta; porém como não pretendo occultar em nada o meu pensamento sobre o que seja em geral o bom ou mau iberismo, e como pelo já revelado proposito e pela necessidade agora de descançar a voz, prefiro fazer leitura, vou anticipar á camara o conhecimento de certo escripto meu destinado a ver luz de publicidade em curto periodo. E' uma carta que com outras precede um livro de que é aucter o sr. Accacio Roza.

Escreveu-me este cavalheiro, como aos srs. Oliveira Martins, Thomaz Ribeiro e outros, rogando carta preleminar em addicionamento ao prologo escripto pela primorosa penna do sr. Antonio de Serpa Pimentel. A este predilecto amigo me dirigi por informações, desconhecendo o auctor e o livro, e do favor d'elle as obtive lisongeiras e honrosas para o moço escriptor. Não hesitei, pois, em satisfazer ao pedido. O livro chama-se: *A nossa independencia e o iberismo* (1). A minha carta preliminar é a seguinte:

«Escreve-me v. ex.ª, em 12 do corrente, que tem no prélo um livro, etc.

(Segue a carta como está no livro do nosso esclarecido amigo, até á pagina XXIII, onde diz: «seja na escripta ou no discurso (2)», tendo aqui a nota que vae adiante:)

Na carta que li está formulado o meu velho ideal.»

Conde do Casal Ribeiro.

Folgamos com a merecida apreciação do illustre estadista ao moço escriptor.

O sr. Accacio Roza acaba tambem de ser nomeado socio da *Sociedade de Geographia de Lisboa*, por proposta do illustrado secretario d'aquella notavel aggremiação, o sr. Luciano Cordeiro.

Felicitamol-o com vivo prazer.

(1) O livro do sr. Accacio Roza acha-se publicado já. A carta citada aqui é a primeira da serie que vem em seguida ao prefacio do sr. Serpa Pimentel. Encontram-se em continuação mais seis cartas subscriptas pelos srs. Ascarate, Oliveira Martins, Labra, Alves Mendes, Antón e Thomaz Ribeiro.

(2) No final da carta omittido aqui, por necessidade de encurtar a citação, recommenda-se a politica de cooperação peninsular sobre a base do respeito pela autonomia dos dois reinos, tal como foi definida pelo orador no discurso proferido em sessão de 22 de junho de 1891, publicado sob a epigraphe—«Problema colonial e problema internacional.»

MELILLA E A HESPANHA

Agora que as attenções da Europa se fixam sobre esta terra de mouros, pertencente á Hespanha, e que esta para honra e brio da sua bandeira se vê obrigada ao dispendio de vidas e dinheiro, não vem fóra de proposito dar ao conhecimento dos nossos leitores alguns dados historicos ácerca das difficuldades que os hespanhoes teem sempre encontrado para a conservação d'esta praça.

Melilla foi tomada aos mouros em 17 de setembro de 1496 por um troço de hespanhoes commandados por Pedro Estopiña, logar tenente do duque de Medina Sidonia que dirigiu uma expedição contra a Africa. Por carta regia, Melilla ficou annexada aos estados do duque sendo nomeado seu primeiro governador Gomez Suarez.

A 7 de junho de 1556 foi por ordem de Filippe II oncorporada á coroa e nomeado seu capitão general D. Alonso de Perrea. Constantemente hostilisada pelos mouros e quasi esquecida da Hespanha viveu em constantes sobressaltos e repetidas fomes por que amendadas vezes os mouros foram por-lhe cerco para a não deixarem abastecer.

Em 4 de novembro de 1631 a praça foi surprehendida pelos mouros, praticando a guarnição verdadeiros heroismos para os expulsarem dos seus muros. Em 9 de janeiro de 1836 as auctoridades representaram ao rei pedindo-lhe que com a maior brevidade lhes fossem enviados viveres senão teriam que os ir conquistar aos mouros, aventurando assim a segurança da praça. Mais d'uma vez as guarnições assim procederam, sendo terrivel a lucta travada. Em duas d'estas, 1646 e 1649 morreram os governadores D. Carlos Ramirez de Avellano e D. Luiz Sotomayor.

Em 6 de agosto de 1660 um espantoso terremoto quasi que arrasou a cidade destruindo as muralhas e torres da cidadella. De 1661 a 1669 a escassez de alimentos foi tal que os mouros, conhecedores do desalento e fraqueza da guarnição, atacaram-n'a com impeto, tomando e destruindo o forte avançado de S. Thomaz de la Cantera. Em 4 de setembro de 1678 apoderaram-se do de S. Lourenço e a 12 de março de 1679 os hespanhoes tiveram de destruir e abandonar o de S. Francisco apoz uma heroica defeza, na qual 17 homens resistiram durante um mez ás investidas dos mouros.

A 31 de agosto do mesmo anno os mouros atacaram o forte exterior de Santhiago. Os defensores resistiram até 14 de seiembro, mas reconhecendo que não podiam prolongar a lucta lançaram fogo ao paiol da polvora, e o forte voou pelos ares assim como os corpos dos seus 25 heroicos defensores.

De 1680 a 1694 as guarnições passaram mezes inteiros com meio kilo de pão por dia, augmentando ao mesmo tempo as acommettidas dos mouros. A 3 de setembro de 1694, Meley Ismael, rei de Fez, veio acompanhado de numeroso exercito, sitiar Melilla. Sendo porém as suas tropas rechaçadas em tadas as sortidas, estabeleceu o bloqueio que durou bastantes mezes. Na noite de 30 de abril de 1715 novo ataque que foi repellido; em 1716 novo bloqueie que durou até 1727! N'este anno as kabilas visinhas meteram a pique os barcos que constituiam o unico meio de communicação de Melilla com a Hespanha.

9

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

PROLOGO

NA TERRA E NO MAR

X

BOA PESCA

Na seguinte noite, o padre Samuel dirigiu-se á praia, metteu-se n'um bote e alumiado pela lua que prateava as ondas, desembarcou quasi defronte da sua residencia, sem reparar que um cão o seguia. O bom parocho, que não tinha irmãs, nem sobrinhas, nem ama, nem pessoa alguma que d'elle cuidasse, abriu a porta, accendeu um candieiro de latão com quatro bicos, entrou no seu quarto, e não obstante a hora adiantada da noite e o pouco appetite e immensa fadiga que sentia, tomou algum alimento, para não perder o costume, começando em seguida as suas orações.

Sentado na poltrona de coiro, descançou os braços, estirou as pernas, cruzou as mãos, levantando-as até situar as unhas dos pollegares sobre a bôca e os indices debaixo do nariz, e tanto scismou, que ficou a dormir profundamente.

Poucos minutos haviam deccorrido, quando da parte extrior da casa soou um uivo lastimoso, que o fez tremer e mudar de postura. O cura inclinou a cabeça para o respaldo, deixou cair o braço esquerdo sobre o da poltrona, e o direito sobre as pernas, cruzando e recolhendo estas de modo que apresentava aspecto de um patriarcha.

Parecia ter-se de novo restabelecido silencio.

Mas, pouco depois, um novo uivo resoou dentro da habitação; despertou completamente o sacerdote, obrigando-o d'esta vez a esfregar os olhos e a levantar-se.

—Que demonio de animal é este? — resmungou o velho.— Se algun visinho o ouvisse, não teria pequeno susto. Depois suhiu do quarto, abriu a janella, e como a porta estivesse alumiada pela baça claridade da lua, olhou para baixo e observou que um enorme cão arranhava a madeira e ladrava desesperadamente.

O reverendo começou a enxotar o cão. Mas o animal conservou-se no mesmo logar, agitou a cauda, ergueu tristemente os olhos para a janella e prerompeu em novos lamentos.

—Deus meu!—disse o bom padre —de quem será este cão e para que vem elle aqui?

E impellido pelo seu bom coração, pegou no candieiro, desceu a escada, e com bastante risco de suas pernas abriu de mansinho a porta. O cão deslizou pela abertura, arrastando-se; mas quando se encontrou diante do padre, começou a dar cabriolas, a roçar-se pelo chão, a levantar-se, descrevendo sempre nos saltos e carreiras um pequeno circulo que terminava na porta, ante a qual se detinha. D'alli olhava para o cura, ladrava, pulava, sahia, mas vendo que elle o não seguia, voltava para dentro, lambia-lhe carinhosamente as mãos, e tornava a dirigir-se á porta, com os olhos sempre fitos n'elle.

—Que será isto?— murmurou o bom Samuel.

E afagando o cão, observou que tinha o pello completamente molhado.

O pobre animal situou-se de novo diante da porta que estava quasi cerrada, e fez os mesmos movimentos que um perdigueiro costuma fazer quando quer indicar a seu dono a direcção que deve seguir.

—Não ha duvida—disse o velho —este animal deseja que o siga, e devo esclarecer este mysterio.

Entrou então na cozinha, accendeu uma lanterna, tomou o capote e o chapeu, e saiu á rua, fechando em seguida a porta. O cão, querendo talvez dar a conhecer que o digno cura lhe adivinhava as intenções, acariciou-o mais que nunca e começou a andar a passo, como se desejasse orientar-se do caminho que seguia, o qual conduzia precisamente ao mar.

Chegando á praia, o cão parou diante do bote em que, pouco antes, viera o padre Samuel.

A noite estava linda; a lua brilhava em todo o seu esplender, e o manso rumor das ondas acalentava o tranquillo somno dos pescadores.

O cão saltou ligeiro para o barquinho, firmou as patas no fundo e as mãos sobre o banco da prôa, dirigiu a cabeça para o rochedo N. e uivou outra vez.

—Deus me perdôe esta loucura!— murmurou o padre.

E entretanto tambem no bote, pegou na canna do leme e dirigiu a prôa ao ponto indicado pelo cão. Chegando junto das rochas que formavam a base do terrivel promontorio, o barco parou. Saltou logo o cão na areia, e voltou-se para vêr se o cura o seguia.

—Até aqui, vá!—murmuro o sacerdote—mas arriscarme a perder a vida para seguir um cão doido, isso é que nao!

E conservou-se immovel.

O cão revelando nos seus movimentos o receio de ser abandonado pelo padre, bateu com as mãos na areia, mirou-o com olhar fulgurante, e depois de uns momentos de vacillação, uivou novamente. O que Samuel via do ponto onde estava, era em primeiro logar a espuma batendo nas rochas; o pico perpendicularmente cortado, e diante d'elle uma especie de escadria natural de pedra, que terminava n'um terreiro. A agua não chegava alli.

Depois de salvar a distancia que o separava da rocha, o animal subiu ao cimo d'esta e parou; observado de baixo parecia um idolo egypcio collocado sobre um padestal gigante. Era profundo o silencio. Observando o cão e attento por curiosidade áquella scena singular, o cura julgou ouvir sobre a rocha um ruido estranho. O som repetiu-se, e o pobre velho sentiu um extremecimento extraordinario. Apertou a fronte com ambas as mãos, olhou para o ceo, atracou o bote, e com bastante risco saltou para a areia. O promontorio era formado por duas grandes rochas: uma alta, solta formidavel, como uma atalaya collocada pela mão de Deus sobre os mares; a outra adherida completamente á primeira e formando um cone truncado. Banhavaas o luar. Samuel subiu os degraus naturaes até tocar o cimo da rocha. Sobre ella distinguia-se um vulto: o cura estendou os braços, e, ao levantal-o do chão, um som similhante ao vagido de caeatura moribunda confundiu-se com os gemidos do cão.

— Deus de Israel!— exclamou o sacerdote.

Dizendo estas palavras, cahiu de joelhos, erguendo os braços para o ceo.

. . . . . .

Uma hora depois, o cura estava na sua habitação, diante do leito, conversando com um individuo que teria, quando muito, vinte e cinco annos. A seus pés via-se um formoso cão da Terra Nova, e sobre o leito uma creancinha.

— Doutor—dizia o sacerdote ao desconhecido—¡disseram-me que o senhor é uma notabilidade em medicina, e já que a Providencia o trouxe a esta aldeia, d'onde tenciona partir ámanhã, supplico-lhe que empregue todos os meios ao seu alcance para restituir a vida a este pobre orphão.

De pé, immovel, com o olhar fixo na creança exanime e a fronte illuminada pelos esplendores do genio, o desconhecido parecia não ouvir as suplicas de Samuel. Duas horas permaneceu n'aquella immobilidade. Afinal, afastou-se do leito, acercou-se do religioso, e começou a fallar-lhe em voz baixa. Escreveram uma acta, que assignaram em duplicado, relativa ao encontro do menino. O doutor guardou uma copia autenticada pelo cura. Da insignificante roupa que restava á creança, feita pedaços, cortou o facultativo algumas tiras, que guardou n'uma caixa de marfim.

Assim decorreu a noite.

A's onze horas da manhã do dia seguinte, uma antiga carruajem de jornada, tirada por dois maus cavallos, parou defronte da casa do padre Samuel. O medico approximou-se do sacerdote e beijando-lhe respeitosamente a mão, disse-lhe:

— Parto para o estrangeiro, levando commigo a satisfação de ter restituido a vida a um anjo.

— Deus lhe dê o premio d'esta boa acção, doutor! — respondeu o velho quasi chorando. E dirigindo-se a um armario onde guardava todos os seus papeis, tirou uma bolsa cheia de oiro, que pretendeu entregar ao medico.

Este repeliu-a, sorrindo.

— Senhor cura — replicou elle — o pobre orphão necessita mais d'esse dinheiro do que eu.

O venerando pastor apertou as mãos do medico, e acompanhou-o até á porta, onde o viu subir para a carruagem e abandonar rapidamente a aldeia. Vendo-se só, Samuel mermorou:

— Averiguarei o nome d'este menino, e se John o ignorar e sua mãe não apparecer, chamar-lhe-hei Paulo, nome do santo patrono d'este logar.

(Continua.)

Apezar do tratado de paz entre Hespanha e Marrocos celebrado a 28 de maio de 1767, as Kabilas independentes do poder do sultão continuaram a hostilisar a cidade.

Em 1768 apresaram uma embarcação hespanhola, matando um official e 14 soldados,

Em dezembro de 1774 o sultão Sidi-Mohamet-ben-Abdalá, veio com numeroso exercito pôr cerco a Melilla empregando 15 canhões e 27 morteiros pora bater as muralhas. A 15 de março do anno seguinte já tinham cahido na praça 3:000 balas rasas e 8:200 carregadas de metralha. A pequena guarnição de 800 homens sob as ordens do governador marechal D. João Shelock resistiu valorosamente, até que a 25 de dezembro chegaram de Hespanha reforços de gente e petrechos de guerra que não poderam desembarcar. A praça estava em terriveis circumstancias. Muitos lanços das muralhas derruidos pelas balas, a maior parte das peças desmantelladas e grande falta de viveres. A 10 de fevereiro o sultão ordenara o assalto que não teve os resultados que elle esperava, levantando o cêrco a 15 de março e enviando parlamentarios para regular a paz. Os convenios e tratados de 1780 e 1799 não livraram Melilla das hostilidades repetidas dos rifenhos que nunca foi possivel submetter á auctoridade dos soltões. Por occasião da invasão franceza Melilla esteve em terivel perigo porque ás hostilidades dos mouros veio juntar-se a intriga politica entre hespanhoes. Em março de 1812 descobriu-se um complott cujo fito era saquear a praça, matar as auctoridades e entregal-as aos francezes ou aos mouros.

O seu principal chefe e instigador D. Ramon Jimsnes foi fuzilado no dia 16 do mesmo mez.

Em outubro de 1829, sendo conhecida a intenção do governo hespanhol de abandonar a praça, formou-se nova conspiração seguido de um projecto de sedição militar em 1831.

Convertida em deposito de prisioneiros carlistas deu-se uma insurreição por elles promovida de accôrdo com a guarnição. Triumphantes, conservaram a praça em seu poder até março de 1838 em que a entregaram sob a condição de lhes ser dada a liberdade para se encorporarem nas fileiras de D. Carlos.

Em 1840 os rifenhos atacaram com tal ancia que só d'uma vez degolaram toda a guarda avançada d'um troço do tropas hespanholas.

Em 1854 o general Boceta infligiu aos rifenhos um castigo tão violento que atemorisou aquelles homens valentes e intrepidos apesar de ferozas e sanguinarios, e pela primeira vez os captivos hespanhoes foram entregues sem resgate .Apesar dos contractos de 1860 e 1861, as kabilas irrequietas nunca deixaram de hostilisar os hespanhoes a proposito da mais simples questão de territorio e na maioria dos casos sem questão alguma.

Como fica dito, Melilla tem custado á Hespanha grandes sacrificios de homens e dinheiro desde a sua primitiva conquista. Mas, philosophando, perguntamos: E com que direito rasoavel e justo D. Pedro Estopiñan se apoderou de Melilla em 1496?

Isto de apanhar para nós o que é dos outros, tem d'estes picos...

A G.

MENSAGEM QUE VAE SER ENTREGUE AO SR. MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS

Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro das Obras Publicas.—Disse-vos em documento publico o illustrado Director Geral do Commercio e Industria, ao fim de treze annos de gerencia dos serviços telegrapho-postaes, que esses serviços se achavam n'um estado anormal, os empregados incertos emquanto ao presente e sem garantias no futuro e por isso desgostosos e attribulados. Dizem-vos os particulares nas suas queixas diarias a irregularidade com que esses serviços são feitos. Os factos, o commercio e o paiz inteiro confirmam-vos pela penna dos mais auctorisados jornalistas, a anormalidade dos serviços e a angustiosa situação dos empregados. A vossa boa vontade é impotente em face de milhares de defficiencias e segredos, que escapam á sagacidade de todos os legisladores e que só os manipuladores de cartas e de telegramas, conhecem. N'estas condicções e na esperança de auxiliar o governo, na resolução dos difficeis problemas que dizem respeito á posta e telegrapho, elegeram os empregados alguns dos seus collegas, para que reunidos em congresso, apontem as medidas que a longa pratica e o estudo lhes ensinaram e as depositem nas mas de v. ex.ª como o mais prestimoso factor d uma reforma util e instante. Julgam os signatarios d'esta representação ter achado os meios de conseguir que o serviço se faça com plena satisfação do publico e se melhore a situação dos empregados sem que isto custe sacrificio algum ao thesouro e antes se augmentem as receitas do Estado. E porque sabem quão valioso é o alto criterio e fina intelligencia de v. ex.ª ousam pedir-lhe, como legitimos representantes que são da classe telegra-postal, por isso que foram por ella eleitos, a honra de acceitar a presidencia d'este congresso.

Em 5 de novembro de 1893.

Lisboa, José Joaquim Henriques, Francisco do O' Garcia e Joaquim José Pereira; *Porto*, Cypriano Augusto de Sá Machado e Francisco A. Santos; *Braga*, Pedro José d'Oliveira; *Guarda*, Prophyrio Antonio Gambôa; *Castello-Branco*, Francisco Xavier Burtorff e Rodrigues Marques; *Leiria*, Fernando Correia; *Aveiro*, João de Deus Guimarães; *Portalegre*, José da Cruz Alvarrão; *Faro*, José Soeiro da Fonseca Costa Villa Lobos; *Coimbra*, Domingos d'Almeida; *Evora*, Francisco de Paula e José Maria Oliveira; *Vizeu*, Antonio J. Santos Russel; *Beja*, João Francisco Silva Oliveira; *Vianna do Castello*, José Bernardo da Silva; *Villa Real*, Syndulpho Carneiro; *Bragança*, Accacio Vidal; *Funchal*, Francisco Gomes Gouveia Junior; *Angra do Heroismo*, João d'Azevedo Castello-Branco, com procuração.

CARTA DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

14 DE NOVEMBRO DE 1893.

Foi dada participação crime contra o abbade d'Ul, Manuel da Silva Tavares. e contra o medico que lhe passou attestado de *impossibilidade* de sair de casa por trinta dias! Depois do attestado passado na freguezia de Avanca, onde se achava o abbade, apresentou-se este depois tres dias na egreja d'Ul, para assistir a um acompanhamento, sendo logo participado o caso para juizo pela parte. Está marcado o 1.º de dezembro, por ser dia memoravel na historia, para o revendo responder a quatro policias. Ainda é capaz de apresentar mais attestados, assim elle tenha quem lh'os passe.

— Foi proposta acção de perdas e damnos contra o sr. Arthur Pinto Basto, por demittir sem as devidas formalidades, quanto foi administrador do concelho, o amanuense sr. Joaquim Gandara, que foi já ha tempo, reentegrado no seu logar.

Foi tambem dada em juizo participação crime, contra a junta de parochia de S. João da Madeira e outros, que a auxiliaram, por se opporem a que a camara d'este concelho, executasse o cumprimento d'uma deliberação. A seu tempo, saberão se fizeram bem ou mal, em não consentirem o cumprimento d'essa deliberação. Acima dos seus caprichos está a lei. Se entendia a junta que a camara não procedia correctamente, tinha outros meios a seguir, e nunca os da força. Esta freguezia, talvez instigada e mal aconselhada, está habituada a levar tudo por meio de propotencias e soffrerá agora o premio dos seus feitos. Além da violencia de obstarem a que a camara executase a sua deliberação, praticaram o abuso de se intrometterrem em assumpto, que lhes não competia e alheio, ás suas attribuições. Mais tarde,—Aqui d'El-Rei--e então a vara da justiça exercerá o seu dever contra esses discolos.

— Tem chovido torrencialmente.

— Dizem-nos que o caminho de ferro do valle do Vouga, atravessa a quinta do sr. Bernardo da Costa, e alguns predios do sr. João Marques de Carvalho e uma ponta da quinta do sr. Antonio Alegria, onde ficará a estação. Os engenheiros, estiveram aqui a rectificar os estudos.

Z.

CARTA DE GOES

13 DE NOVEMBRO DE 1893.

O ADMINISTRADOR SUBSTITUTO FRANCISCO IGNACIO

Este funccionario, que o sr. governador civil de Coimbra teima em conservar n'este concelho,com desprezo de tudo o que se tem dito, escripto e apreciado em diversos jornaes, sempre com assentuado desfavor aos seus actos prepotentes e vingativos, inherentes á sua qualidade de authoridade faminta e facciosa, a ultima em conceito e prestigio, a primeira no desempenho do seu primoroso papel de mau e desleal conselheiro ao sr. governador civil que, parece deliciar-se com as repetidas provocações e vinganças nas pessoas adversas á odiosa e nefasta politica do sr. administrador effectivo, Manuel Nogueira Ramos. Mas o partido progressista em Goes, que tem sabido manter-se com rara lealdade no seu posto de honra, combatendo a politica reles, variavel e indomita do sr. Manuel Ramos que, ora vive com o poder concedido pelo partido regenerador, ora pelo progressista e ainda pelo favor do sr. conselheiro Dias Ferreira, umas vezes fingindo desconhecer um problema de indifferença, que todos saberiam resolver, desde que conhecessem que a incognita estava na firme resolução em que o sr. Manuel Ramos está ha muito tempo, em pretender apoiar todas as situações, uma vez que o chefe do districto, quer seja o sr. conde da Aurora, quer o de Foz d'Arouce ou o sr. conselheiro Neves e Sousa, lhe conserve o poder, para melhor saciar as suas vinganças, nas pessoas de seus inimigos pessoaes e politicos, que o sr. Manuel Ramos, suppõe serem todos os que n'este concelho se agruparam desde 1887 em volta do sr. conselheiro José Luciano de Castro, honrado e distincto chefe do partido progressista, d'onde não tem arredado um apice, porque a isso os impedia a sua dignidade e caracter. Quando o sr. Neves e Sousa tomou posse do logar de delegado de confiança do sr. João Franco, já um e outro sabim, que havia em Goes o sr. Manuel Ramos, muito dedicado ao sr. Albino de Figueiredo, e que dispunha d'uma certa votação que o habilitava a considerar-se pessoa nos termos de impôr-se e conservar o seu logar de administrador que já tinha.

N'esta conjunctura, não foi difficil ao sr. Manuel Ramos, obter a confirmação do seu logar de administrador effectivo, obtendo mais o despacho de administrador substituto, para seu sobrinho Francisco Ignacio, visto que não podia, por não saber e ter mesmo uma certa difficuldade em romper de vez, como auctoridade, com alguns dos cavalheiros mais grados do concelho, filiados no partido progressista.

Esta politiquice aparentemente conciliadora e pacifica, não agradava; resolvendo-se portanto que a effectividade do cargo de administrador, embora confiada ao sr. Manuel Ramos, passasse para seu sobrinho, aproveitando e lançando mão d'este cyrineo, que iria ajudar á cruz, que para o sr. Manuel Ramos, se tornava pesada e incompativel com os seus affazeres e aptidões.

Disfizeram-se attrictos, superaram-se difficuldades, vencendo a final as indicações do deputado do circulo, que pretendendo castigar os progressistas, que não tinham acceitado, antes guerreado a sua candidatura, achou azado um novo *sêr*, que foi o sr. Francisco Ignacio, entrando no campo, conduzido pela mão do sr. Albino de Figueiredo e guiado, mas muito bem, pelo sr. Neves e Souza, cujas indicações, alliás de proveito para os regeneradores, iam produzindo os desejados effeitos, d'ante mão ensaiados. Ora tudo isto, era naturalissimo em uma situação normal e em que apenas se tivesse em vista o antigo adagio, *governa e manda, quem tem o poder*... Nunca tememos as agruras da opposição; sabemos sel-a, por que sabemos esperar.

Por mais que o sr. Manuel Ramos, tente dissimular as prepotencias e arbitrariedades que manda praticar a seu sobrinho Francisco Ignacio, contra os seus adversarios, crêia que não illude ninguem, porque é conhecida a indole especial que o domina, levando-o com miseravel cynismo e cegueira, a apoiar seu sobrinho, Francisco Ignacio, que porisso não cessa, com maximo descaro, a obedecer cegamente a um homem, tido e conhecido desde ha muito, como especial e essencialmente orgulhoso e vingativo.

Prosiga, pois, o sr. Manuel Ramos, no seu proposito; pode ufanar-se jactancioso e altivo, com a protecção do sr. Albino de Figueiredo; pode pretender tolher-nos o passo com a auctoridade do sr. conselheiro Neves e Souza; mas, por maiores que sejam as considerações pessoaes, para com estes dous cavalheiros, não nos intimidarão, nem a sua alta posição politica, nem a sua influencia e prestigio nos altos poderes do estado! A nossa missão é esperar: esperar é vencer...

A protecção do sr. Manuel Ramos, basea-se no seu prestigio e dedicação: acaba tudo; e acaba, mesmo antes de findar o seu consulado. Os proprios regeneradores, hão de conhecer, e muito a tempo o caracter politico do sr. Manuel Ramos, quando um alto personagem, em nome de antigas relações lhe indicar um nome essencialmente sympathico e cuja candidatura elle forçosamente apoiará, embora os regeneradores chorem amargamente a illusão que passou. Tudo isso nos será de todo o ponto agradavel e proveitoso...

Nunca achámos correcto, antes illegal, o procedimento do sr. governador civil, relativamente aos seus delegados de confiança em Goes.

Propoz s. ex.ª o sr. Manuel Ramos, para administrador effectivo e para substituto o sobrinho d'este, Francisco Ignacio. Perfeitamente bem; pagava assim, o deputado do circulo, os favores devidos ao sr. Manuel Ramos, ao mesmo tempo que obsequiava o sr. Francisco Ignacio, de quem tinha muito a esperar, no sentido de vingança e oppressão. Mas com que direito e em virtude de que disposição legal, tem o sr. governador civil, a funccionar simultaneamente, o administrador effectivo e o substituto? Sabe, toda a gente, que o sr. Manuel Ramos, está de saude perfeita, passeando por Goes. Concederia s. ex.ª ao sr. Manuel Ramos, licença illimitada? Mas isso, não pode ser; só lh'a podia conceder por trinta dias; por mais tempo, só o sr. ministro do reino tinha essa competencia. Não crêmos que fosse tão longe o sr. João Franco: nem levaria s. ex.ª o seu excesso de ser agradavel ao sr. Albino de Figueiredo, que lhe concedesse licença por mais tempo, sem o pagamento do emolumento respectivo, que não consta, até hoje, ter entrado na recebedoria respectiva.

Mas acresce ainda a circumstancia aggravante, e aggravante mais para o sr. governador civil, do que para o seu delegado: é estar o sr. Manuel Ramos, a receber o ordenado, sem estar em exercicio, estando ha muitos mezes em serviço, sem interrupções, seu sobrinho e substituto, Francisco Ignacio. Ora esta theoria, tornada effectiva, na pratica, só a comprehende e sustenta, o sr. conselheiro Neves e Sousa, o qual, com o sentimento o dizemos, veio lançar no concelho de Goes, o estado cahotico e anormal, em que actualmente se acha, não só em relação aos seus delegados de confiança, mas, o que é mais, dos outros serviços, dependentes da sna authoridade fiscal.

Desde que o sr. Manuel Ramos, acceitou o cargo de administrador effectivo, não podia deixar de o exercer, a não ser por motivo de molestias, ou qualquer outro legal. Dado qualquer dos casos, pedia licença, passsava a administração ao seu substituto, ficando este a funccionar legalmente: era então, e só então, a verdadeira sentinella, do sr. governador civil, na fiscalisação dos diversos negocios d'administração publica. Fóra porém d'estes casos, consentir o digno chefe do districto, que seja administrador effectivo, o sr. Manuel Ramos, e esteja em *activissimo* serviço; seu sobrinho, e substituto, parece-nos uma illegalidade, de tal ordem, e politica tão desastrada, que nos quer ainda parecer impropria do caracter honesto e grave, do sr. conselheiro Neves e Sousa, cuja respeitabilidade é proverbial e provada, fóra dos casos, em que s. ex.ª em vez de juiz, se torne politico.

Admira-se, que o sr. governador civil, se tenha relevado com grandissima vantagem, para o seu partido, e s. ex.ª mesmo se tenha arrogado o direito de abusar da sua authoridade, annuindo e consentindo, esta misturada de poderes, em mutuo e saboroso exercicio, salvo se s. ex.ª prevê que d'esta illegalidade, advirão novas vantagens para o partido regenerador de Goes, que s. ex.ª tão dignamente representa.

Mas triste e desventurada é a politica do sr. governador civil, que para robustecer o seu partido em Goes, careça de sustentar illegalmente, como administrador substituto, um Francisco Ignacio, com o seu enorme cortejo de prepotencias, illegalidades e abusos de poder, que outra cousa não é a sua desventurada e inepta administração, apenas protegida em alterações continuas, desconsiderações injustas e provocações desabridas, que s. ex.ª parece proteger e tolerar, posto que com apparencias pacificas e ordeiras.

A pendencia entre o sr. Gouveia, escrivão de fazenda, e o sr. Francisco Ignacio,administrador, vae progredindo. Este, provocando até ao insulto o sr. Gouveia, levantou elle mesmo o respectivo auto. Aquelle, vendo-se offendido e perseguido pelo seu antigo e figadal inimigo, fez a sua queixa para juizo, apontando testemunhas que de certo farão luz e justiça ao caracter grave e sempre digno do sr. Gouveia.

Uma das testemunhas que foi chamada a depôr pelo sr. administrador, já deu sua queixa em juizo, pelo facto de ser violentada ou constrangida a dizer o que não sabia e que lhe fora indicado pelo mesmo administrador. O queixoso tem mais companheiros.

Procedeu-se hontem á vistoria judicial na Varzea, em que são partes o nosso amigo sr. dr. Cortez e uma tal Maria Jacintha, viuva, levada áquella questão por outro tal Custodio Guerreiro, professor elementar d'ensino primario n'aquella freguezia da Varzea, com o fim unico de ser hostil ao seu antigo amigo e bemfeitor, aquelle sr. Cortez. Mas é bom notar-se que é a Maria Jacintha a parte pagante, não lhe servindo o Guerreiro senão para assoprar, impellindo a boa da mulher ao proseguimento d'uma questão esteril e inutil.

Abusei um dia da benevolencia de v.; sr. redactor, o que muito lhe agradeço, e tenho em subida conta assignar-me De v. etc.

O Xara.

SECÇÃO LITTERARIA

IDYLLIO NO CAMPO

(A FIRMINO DE VILHENA)

E' manhã. Manhã d'abril, manhã de rosas... Vae nas balseiras um pipilar sarcastico de piscos, de toutinegras, de rouxinoes... O sol mal rompe ainda. Uma claridade baça, claridade violacea de crepusculo em manhã de verão esvae-se docemente, muito docemente, n'um diluir brando de aguarella, deixando resaltar lá ao largo, no cérulo limpido do céu, manchas bizarras de carmin, vivas como nodoas de sangue quente que escorre...

Em baixo, uma faxa de rio espelha-se em torcicollos por aqui, por alli, encostas além, até perder-se de vista. Com este tempo assim é um gosto ir a gente barquear para o rio—rema tu d'ahi, olha lá esse leme, mais p'ró largo com o *boat*...

Mas fosse no inverno!... Ui!... Quem se atreveria a tal!

Parece que, por então, as aguas de um tirante a verde, refervendo em espumas d'encontro ás penedias que as engargantam, vêm entoando cantos funebres por ahi fóra!... Cruzes!...

As velhas então —pobres santas!— attribuem isto ás fadas que uma noite, affirmam ellas, andaram lá pelo povoado, batendo ás portas, a pedir pousada. Ninguem as quiz receber—e de ahi o ellas jurarem que, dentro d'um anno, tres almas haviam de ser suas!...

E o rio que no mez de setembro era um simples veio d'agua muito branca, muito saborosa — a melhor agua n'aquellas quatro leguas em redor — entrou de engrossar, de avolumar-se a mais não, de tomar uns tons sinistros...

Um anno corrido—foi na ante-vespera de natal — e a *chata* do moinho, zás, duas voltas logo alli ao dobrar a ponte, dois gritos dos tripulantes—o Chico do Passal e o José Lino—e... ninguem mais soube d'ella!

Os senhores imaginam bem com que terror, agora, os rapazes do sitio quando o trigo sae das eiras e se torna preciso ir leval-o ao engenho—tres quartos de hora de caminho, sem tomar folego—fazem aquella travessia...

Ao passarem na *memoria*, como lá lhe chamam, e onde os seus companheiros desappareceram para sempre, elles até tremem—coitados! — e, instinctivamente, uma prece sae-lhe dos labios, emquanto de joelhos no fundo do barco, os olhos rasos de lagrimas, invocam aquelle que lá está em cima e que tudo manda...

E' que as fadas juraram que, dentro d'um anno, tres almas haviam de ser suas e... já lá vão treze mezes!

*

A manhã vae adiantada. São já seis horas. Tardissimo para quem vive no campo. Por isso a Rosa corre, corre muito estrada fóra, a levar o almoço ao pae que está lá para o trabalho. Como ella vae ligeira! Em casa recommendaram-lhe que fosse muito depressa, nada de distracções, a correr té lá, d'um salto...

E sim, e sim, e vae, e ha-de ir... Mas logo alli ao voltar a azinhaga:

—Bons dias, Rosa.

Aaa!... E's tu!... E fica-se, muito córada, os olhos no chão, as mãos torcendo o avental de chita, que tem ramagens amarellas, o cesto á cabeça coberto com um guardanapo muito branco, branco como a sua alma, alma que é pura como o seu corpo...

—Como vens linda!...

Ella sorri. E' uma creaturinha adoravel! Dezesseis annos—quando muito—e uns grandes olhos azues, azul que mais bello não ha, que põem no seu rosto, que bandós de cabellos louros como velho cognac emmolduram, a expressão lilialmente bellas das mulheres dos paizes do norte!...

Elle é um pequenote ainda.

Na vespera andára todo o santo dia á cata dos ninhos. E ella, que fizera?...

—Então, não dizes nada, Rosa?... A modos que estás triste!...

Que nada, que não tem nada.

Elle insta. Quer saber tudo.

—Vamos...

E já a caminho ella conta-lhe então os seus desgostos, os ralhos da madrasta e as ameaças que ella lhe fizera... E as lagrimas veem-lhe, e ella chora, chora muito, o rosto oval d'um a pallidez de Virgem, emmoldurado em bandós de cabellos louros, louros como velho cognac...

—Vá, não vale lagrimas, cachopa!

E á porta da herdade aonde agora chegam, os dois param, ella appoiada á cancella de madeira pintada de verde, que está a cahir, a cahir de velha, elle ruminando na sua alma de creança um pensamento mau—ambos olhando-se, ambos fatigados, batidos do sol que vae subindo, subindo sempre...

Sob a ramada, lá dentro, uma mulher lava, cantarolando, uns vestidinhos de creança, que vae estendendo na relva miudamente estrellada de malmequeres—brancos, amarellos... —emquanto alli perto um vacca vae rodando e os alcatruzes d'uma nora *trrás-trrás, trrás-trrás*, vem subindo cheios d'agua...

Dão-se as mãos. Elle cóla os seus labios ao ouvido d'ella.

Algum velho segredo, algum gracejo, por certo, porque a pequena sorri... E depois... um ar sério, um ar de homem já feito. Que não chore, nada de afflicções. Tristezas leve-as o vento.

— Não é assim, Rosa?

Que sim, que é. E partem muito satisfeitos cada qual para o seu lado —elle a embrenhar-se no bosque onde a passarada palra alegremente, ella a levar o almoço ao pae, que está lá para o trabalho...

Antonio Sarmento.

BIBLIOGRAPHIA

Cancioneiro de musicas populares. —Satisfazendo cabalmente ao prospecto, á medida que se adianta esta publicação portuense avoluma de valor e de interesse, no seu precioso contexto, quer pela parte musical e poetica, quer pela choreographica, e ainda pelas annotações, que são realmente curiosas. No 6.º fasciculo, que acabamos de receber, encontramos um hymno patriotico do estadista Passos Manuel, para o qual escreveu a musica o finado e insigne violinista do Porto, o professor João Antonio Ribas, que deu a Portugal uma familia de artistas notaveis. O *Trolha d'Afife* é uma cantiga caracteristicamente minhota;a letra o diz:

Ora vira, vira,
Na folha da cana;
Sou um pobre trolha,
Venho de Vianna.

A *Carrasquinha* é egualmente uma formosa cantiga do norte; é choreographica, e dança-se d'uma maneira muito graciosa, com scenas mimicas. Em qualquer sala, dançada e cantada por meninas, deve ser d'um bello effeito. A ballada *Deixa-me fallar baixinho* podia enriquecer uma opereta, tão mimosa é, tanto na lettra como na musica. Já vão publicados 40 numeros no *Cancioneiro*, além d'uma enorme quantidade de trovas. Eis o summario do 6.º fasciculo:—*Carrasquinha*, choreographica, offerecida á sr.ª D. Engracia Moreira de Sá.—*Canção Villanovense*, patriotica, offerecida á sr.ª Viscondessa de Faro Oliveira.—*Deixa-me fallar baixinho*, ballada, offerecida á sr.ª D. Carlota da Ressurreição. —*San Martinho*, canção offerecida á sr.ª D. Judith Bravo.—*Trolha d'Afife*, choreographica, offerecida á sr.ª D. Maria Augusta de Sampaio da Cunha Pimentel de Carvalho.—*Pera Verde*, choreographica, offerecida á sr.ª D. Felismina Candida Cerqueira Montenegro. O *Cancioneiro* assigna-se e vende-se nas livrarias e armazens de musica.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

A Fábrica de Fundição do Ouro, fundada em 1864 por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873, e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879*, acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

As pessoas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR DEHAUT DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomalas, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario. 5fr. 2fr. 50

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

Rua da Vera-Cruz

AVEIRO

E procedem assim impunemente; porque ha em Portugal um jury de liberdade de imprensa, que tem por maxima invariavel—*absolver tudo*—, por maiores que sejam as blasphemias de leza-magestade, de leza-constituição politica, e de leza-moral. Se algumas providencias restrictivas d'este desenfreamento da imprensa licenciosa (modeladas por ventura sobre aquellas que acaba de adoptar *a França republicana*) não vierem pôr um dique a essa torrente de desafôros, a peste da desmoralisação invadirá tudo desde o solio até á choupana; o escandalo campeará triumphante da virtude e da authoridade; e os homens honestos terão de amaldiçoar os fructos mortiferos de uma liberdade só prestavel á malevolencia, e tão funesta para os Reis como para os Povos.

POST SCRIPTUM

Depois de concluido este opusculo, apparece o celebre requerimento dirigido á Soberana e entregue na secretaria do reino no dia 11 do corrente. Foram elles mesmos que se encarregaram de provar as nossas asserções.

O fim da calumniosa accusação do *caleche* fica bem patente. E' uma questão puramente politica, levantada pelos membros, generaes, e altos funccionarios da Junta do Porto —pelos chefes dos guerrilhas, e por dois redactores, todos inimigos encarniçados do conde de Thomar, e que tem sem sempre estado com armas na mão contra elle. Que valor poderia ter perante qualquer tribunal sisudo o depoimento do *redactor da Revolução de Septembro, do editor e proprietario do Patriota*, se effectivamente se tratasse de provar culpabilidade ao conde de Thomar?

Não têem por ventura esses homens accusado vil e calumniosamente o conde de Thomar, de grandes concusões, peitas, e peculatos? E pedindo-se-lhes no tribunal competente (nas camaras legislativas) as provas, não ficaram silenciosos os seus amigos, os que hoje assignam o famoso requerimento, alguns dos quaes têem assento na camaras dos pares? Pois se possuis tantas provas, se tendes tão seguros documentos contra o conde de Thomar porque os não haveis apresentado no logar, onde o combate é igual? Porque motivo só quereis intentar a questão perante um tribunal, que uma dolorosa experiencia tem provado, se presta a authorisar todos os abusos da imprensa e onde só se conhece desses abusos! Quem tem por si tanta justiça, vae com a consciencia segura a toda a parte, e não procura soccorrer-se a miseraveis sobtrefugios.!

A appresentação do requerimento foi um novo triumpho para o conde de Thomar, e revellou aos menos iniciados nos planos da demagogia, todo o fim que se teve em vista no celebre escandalo do *caleche*! Largaram as mascaras, entraram no campo descobertos, assim nem o conde de Thomar os teme, nem o partido cartistas tem nada a receiar. E' o antigo grito de guerra, repetido pelas mesmas boccas, com uma só differença, que o ecco não repete em 1849, o que repetiu em 1846, porque o povo portuguez abriu os olhos, soffreu as violencias e espoliações da junta do Porto, ficou sem estradas pelo infausto movimento de maio de 1846, e vê hoje principiados todos esses melhoramentos, que os homens da junta do Porto não podem consentir em Portugal!

Eis o requerimento:

«Senhora.—O conde de Thomar, presidente de conselho de ministros de vossa magestade, é unanimemente accusado pela voz publica de haver tirado do cofre das graças uma commenda, e tê-la dado em troca de um caleche. A imprensa publicou as provas, incontestadas, d'esta accusação. O accusado quiz apagar estas provas, e extorquir, pela coacção, de uma das testemunhas do delicto outras provas em contrario. Não conseguiu senão aggravar as circumstaocias do crime de que o arguem, e cada vez mais arreigar nos animos a convicção da sua culpabilidade. Novos testemunhos e revelações se accumularam aos primeiros, e o ministro provocado a justificar-se perante os tribunaes recusa-se ao juiso d'elles; confessa até o receio de comparecer ou de succumbir na pretriste publicidade a factos tão tristes, para que os paizes estrangeiros ignorassem qne á frente do governo d'esta nação estava um homem accusado, e sem defender-se, de prostituir a dignidade e os recursos do poder aos empregos mais abjectos, e para que o caracter do povo, que o soffre, não ficasse deshonrado aos olhos de povos que se prezam de pondonorosos,

Só vossa magestade póde apagar esta affronta escripta na face da nação.

P. portanto, e esperam os abaixo-assignados que vossa magestade se dignará despedir dos seus conselhos ao conde de Thomar.—E. R. M.

Lisboa, 10 de dezembro de 1849.

Assignados:

Conde das Antas. (presidente da junta revolucionaria do Porto.)

Marquez de Loulé. (Governador Civil de Coimbra ás ordens da junta.)

Conde de Mello. (General da junta.)

Anselmo José Braamcamp. Governador Civil pela junta.)

José Maria do Casal Ribeiro. (Chefe de guerrilhas da junta.)

Conde de Villa Real. (Commandante de forças populares.)

Antonio Rodrigues de Sampayo. (Redactor da Revolução de setembro.)»

Este famoso documento tem sido devidamente avaliado pela imprensa Cartista. Não devemos pois omittir o que sobre elle disseram os jornaes moderados.

Eis o que disse a *Lei*:

«O artigo de fundo tomou as proporções de requerimento. A calumnia, não contente de macular uma instituição, elevou-se até ao throno. A injuria, para variar de fórma, tomou o caracter de representação.

A *Revolução* publica hoje o celebre requerimento, em que os srs. condes das Antas, de Mello, e de Villa Real (D. Costa Cabral toda a posse e dominio que nos referidos bens tenha a fazenda Nacional, para que elle, seus herdeiros e successores os gozem, possuam, e desfructem como proprios. Pelo que mando de todos os ministros, justiças, que a cumpram e guardem, etc. Lisboa, vinte e tres de março de mil oitocentos e quarenta e tres.=A Rainha.—*Barão do Tojal.*—P. em virtude da carta de lei de 8 de junho de 1841.—João Sabino Vianna—José Maria da Fonseca—Ignacio Vergolino Pereira de Lousa, a fez escrever.—Angelo Augusto Martins dos Santos a fez.—Pg. 50$450 réis de sêllo. Lisboa, 23 de março de 1843.—Couto—Nolasco.» (1)

Renova-se a infernal conspiração de interminaveis embustes com tanto proveito ensaiada pela *liga revolucionaria* em 1845 e 1846 contra o conde de Thomar. Os seus authores hoje são os mesmos homens de então (com mais algum anjo invejoso, que o orgulho ou o despeito precipitou por ventura n'aquelle barathro da malvadez); e as tendencias de hoje são as mesmas tendencias de então. As com cabeças da hydra da calumnia hão de renascer sem cessar, por mais que o conde de Thomar se esforce em lhes torrar as frontes com o facho da verdade. Em um paiz, aonde a imprensa periodica está segura da impunidade, embora offenda aleivosamente a lei, o Rei, e a Grei, o libellista diffamador faz jogo seguro, e muito mais quando se sente protegido e galardoado por homens poderosos para quem todos os meios são bons, por mais infamia que involvam, para chegar aos seus fins; e este paiz é desgraçadamente (quanto custa o confessa-lo á face do mundo!) o licencioso Portugal, em quanto uma legislação mais accommodada ao nosso modo de ser não vier estabelecer a moralidade no sacerdocio da imprensa para o constituir uma salva-guarda dos bons costumes, e da liberdade regrada, em vez de ser, como está sendo, um flagello da innocencia e da honradez calumniada, e um clarim da anarchia e da maledicencia aleivosa.

(1) Todas as decantadas propriedades do conde de Thomar custaram 6:432$800 réis, em metal; e 4:098$200 réis em papel, que valiam pouco mais de 1:000$000 réis!

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇAO DE INVERNO

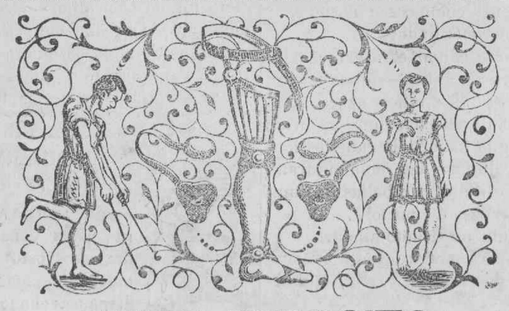
Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas de pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500.
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA 33 A 41,



UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes-mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos,* são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são inefficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating,* e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pos de Keating.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala es por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componente, tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica,* taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Bland, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

———

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias.—Preço 240 réis.

———

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commódos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga,** em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense,* em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

TINTA PENINSULAR

Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto de Coimbra e da Sociedade Chimica de Berlim, e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; e Charles Lepierre, engenheiro pela Escola de Physica e Chimica Industrial de Paris, professor de Chimica na Escola Industrial de Coimbra e membro da Sociedade Chimica de Paris:

Declaramos que tendo examinado as *tintas de escrever, preta e de copiar,* da fabrica do sr. Alvaro Esteves Castanheira, de Coimbra, e tendo um de nós assistido á sua fabricação, achámos que ellas estão nas condições de poderem substitnir as melhores marcas estrangeiras. E podemos accrescentar, que estas *tintas* não criam bolor, como acontece com muitas outras, o que é devido não só ao aceio na sua preparação, mas tambem aos processos inteiramente novos que introduzimos no modo de lhes conservar as suas qualidades primitivas sem prejudicar o resultado final, que consiste em fornecer ao publico um producto sempre da mesma composição e ao mesmo tempo hygienico. Com effeito, sabe-se que um grande numero de tintas estrangeiras são addicionadas de bichloreto de mercurio, antiseptico energico que conserva a tinta, mas que lhe dá propriedades nocivas, pois que este composto é um poderoso veneno, que póde occasionar graves accidentes, visto o costume que as crianças têm ordinariamente de levar a tinta aos labios Estes inconvenientes não podem ter logar com as tintas que examinámos.

Tambem assistimos na mesma fabrica á preparação do **lacre** de differentes côres, e pelos ensaios sobre a sua fusibilidade, a facilidade de combustão sem se tornar preto, etc., comparados com os productos de procedencia estrangeira, ficámos convencidos de que o **lacre** nacional da fabrica do sr. Alvaro E. Castanheira não é inferior em qualidade ao **lacre** estrangeiro.

Finalmente, o nosso exame ainda se estendeu ás *tintas de cores e de marcar roupa, gommas e collas liquidas,* que achámos serem de excellente qualidade, apresentando todas as garantias de perfeita conservação.

E por ser verdade passamos a presente declaração que assignamos. Coimbra, 6 de janeiro de 1893. — (a) *Joaquim dos Santos e Silva*—(a) *Charles Lepierre.* (Segue-se o reconhecimento).

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro, incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras. uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

VENDE-SE

UMA grande porção de madeira de eucalipto já servida, e bem assim algumas portas e caixilhos para janella já usados. Quem pretender falle com o mestre d'obras Antonio de Sousa, que está encarregado da venda.

CANCIONEIRO DE MUSICAS POPULARES

PARA PIANO E CANTO

por

Cesar das Neves e Gualdino de Campos

Summario do 1.º fasciculo:—«As melodias portuguezas,» prologo por Theophilo Braga; «O lavrador da arada,» lenda religiosa; «Canção do figueiral,» trobadoresca, com uma traducção por Anthero do Quental; «Canna verde,» chula de Braga; «Então és o meu amor,» descante de Amarante; «Oh que salero!» choreographica de Penacova.

Preço do fasciculo de 16 paginas, para os assignantes, 200 réis; avulso 400 réis.

Empreza editora Cesar, Campos & C.ª rua da Fabrica, 80, Porto.

A' venda em todas as livrarias e armazens de musica.

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta 180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇOES

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

MOUSINHO DA SILVEIRA, 191½ 1.º—PORTO

E NAS LIVRARIAS

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D Pedro, 50, Lisboa

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

———(*)———

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

LECCIONISTA

JOÃO Maria Pereira Campos Junior, reabriu as suas aulas de instrucção primaria, portuguez e francez, bem como um curso de habilitação para os exames dos candidatos ao magisterio primario.

Todos os alumnos leccionados pelo annnnciante obtiveram approvação nas referidas disciplinas.

Admitte alguns alumnos internos de idade até 12 annos.

Morada—Bairro Novo do Rocio—Aveiro.

UMA COCHEIRA NO COJO

Trata-se com suas donas em Estarreja.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

DE

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Publicação mensal, gratuita

Recommendamos a leitura d'esta utilissima publicação aos amadores de bons livros, ao clero e a todas as pessoas que desejarem estar em dia com o movimento litterario do nosso paiz.

Envia-se *gratuitamente e franco de porte* o todas as pessoas que a pedirem aos editores

ALMEIDA & C.ª

234, Rua do Almada, 238

Porto

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

Em quanto, porém, não apparecer essa tão necessaria refórma, é mister que a imprensa portugueza acuda com o indispensavel correctivo aos males occasionados pela mesma imprensa portugueza, appresentando com singelleza aos olhos de nacionaes e estranhos a verdade dos factos em toda a sua pureza, e desmascarando a cavillação abominavel de uma caballa malévola e impudente, que jurou nas infernaes orgias do seu pandemonio nocturno assassinar com golpes repetidos a reputação de conde de Thomar, eivar todos os actos da sua vida com a corrupção da calumnia, e envenenar de amargura todos os momentos da sua existencia, para se vingar da sua popularidade justamente adquirida. Com essa intenção publicamos esta succinta exposição, bem clara, bem simples, mesmo talvez desenfeitada, porque a verdade não carece de atavios.

O conde de Thomar é incontestavelmente reconhecido ha sete annos chefe do partido moderado em Portugal, como Narvaez o é na Hespanha; e essa supremacia lhe foi solemnemente confirmada em 1847 a despeito da proscripção do protocollo. Mas o duque de Valencia tem achado mais lealdade na opposição progressista hespanhola, que bem longe de descer á indignidade de se ligar em um pacto vil e desnatural com os satélites do absolutismo (como tem praticado os atheos da politica portugueza), ao contrario tomou a briosa resolução de se pôr do lado de Narvaez quando a caballa ultramontana intentou surprehender por um golpe traiçoeiro a côrte de Izabel II, e apossar-se do poder *envita natione.* A conscienciosa opposição de Madrid emprega a sua imprensa em discutir com decente liberdade de opiniões os interesses vitaes do seu paiz; a miseravel opposição de Lisboa não se serve da sua imprensa senão para forjar calumnias nojentas, e crear escandalos quotidianos sobre objectos insignificantes, preferiveis no sentir destes barbaros aos grandes interesses materiaes do atrasado Portugal! Em Madrid, já o despostismo jesuitico, abandonado a si mesmo, perdeu a esperança de dominar, e os seus sectarios, desenganados e arrependidos, vão prestar o devido preito de fidelidade á Rainha Constitucional

lheta, os facinorosos das enxovias, os degradados no seu desterro, não são exemplos salutares, são victimas de vingança. Os salteadores de estrada—esses são desculpaveis; os roubadores subalternos da fazenda publica chegam a ser até innocentes; os tributos—e ainda os mais suaves—são extorsões; e a nação, que os paga, não é um devedor que satisfaz aos seus empenhos, é um infeliz assaltado por bandidos, que lhe saqueiam a propriedade. A obediencia converte-se então em servilismo, a auctoridade em oppressão brutal, os castigos mais legitimos n'uma extravagancia barbara; e os tribunaes sem prestigio, as instituições sem realidade, as magistraturas sem significação e sem jus ao respeito publico tornam-se em formulas de impostura e rotulos de hypocrisia.

A depravação das idéas moraes no governo dos estados procede com uma logica rigorosa e fatal, e a sua logica é esta. A prudencia dos partidos póde temporisar com outros aggravos, menos os que entendem com o sentimento moral do povo. O povo, senhora, proferiu já a sua sentença n'essa explosão geral de murmurios, que é como a penalidade antecipada dos grandes culpados, e como a voz do dever social, dizendo pela boca das multidões ao funccionario impopular, que se retire, pedindo ao chefe do paiz que o expulse. Fôra deploravel, senhora, que o homem já pronunciado no fôro interior da nação, se cubrisse ainda com o pallio do poder, e achasse abrigo nas purpuras do palacio. Ainda que o ministro fosse innocente, justificar-se era a sua obrigação, e a mais urgente. Fugir da defensa legal é tornar-se indigno da confiança do throno.

Os abaixo assignados pejam-se de expor a vossa magestade o sem numero de perigos que acompanham o despreso dos instinctos da decencia, e das noções mais elementares da probidade dos caracteres publicos. Quereriam occultar estes escandalos, que se não tolerariam impunemente no trato familiar da boa sociedade, quanto mais no regimento de um estado. Aos abaixo-assignados córam-lhes as faces de vergonha por ter de referi-los a uma senhora. Se não fôra a obrigação de que se acham constituidos, abster-se-hiam elles de dar uma

sença dos seus juizes. Um clamor unisono se tem levantado contra o funccionario, que assim escandalisou a moral publica e se esquivou a uma justificação exigida pelo decoro do poder. Este desaire só póde ser reparado por vossa magestade, despedindo dos seus conselhos o ministro infamado.

Senhora! Qualquer que seja o principio politico de um governo, a honestidade é um requisito, que nem amigos nem adversarios podem dispensar-lhe. Nesta base se firma toda a ordem social. A corrupção nas funcções publicas destroe os poderes mais solidamente fundados; é o dissolvente das nações.

Os cidadãos abaixo-assignados, commissionados do partido popular no districto de Lisboa abstem-se de recordar a vossa magestade os graves escandalos e calamidades nacionaes, que tem sempre assignalado o governo ou a influencia d'este ministro. Guardando silencio sobre o passado, respeitando a liberdade da corôa na escolha dos seus conselheiros responsaveis, não pedem a vossa magestade que subtitua o homem de um partido por um homem de outro partido; mas o funccionario arguido de prevaricações por outro que o não seja. Limitam-se a este pedido de justiça universal, esperando da acção do tempo, do progresso das ideas, e dos direitos eternos do povo a solução das questões fundamentaes em materia de governo.

Vossa magestade avalia bem as consequencias da devassidão sem freio, e da impunidade continuada nas estações eminentes, d'onde devia partir o ensino. Quando a parcialidade protege a cabeça de um alto delinquente, quando na pessoa d'elle se viola o principio de justiça igual para todos, o direito enfraquece; a consciencia publica revolta-se; a severidade das leis penaes degenera n'uma tyrannia insupportavel; estabelece se como um convite, funda-se um como premio aos delictos, e os homens, que o só temor da auctoridade impede de delinquir, arrojam-se audazmente contra todas as barreiras do licito e do honesto.

Se os ministros da corôa se deixam peitar, se as graças e as mercês se vendem, e os ministros que as vendem desfructam em paz os lucros d'esta torpeza, os forçados da gri-

das Hespanhas: em Portugal o insolente miguelismo, partido morto e esquecido em 1844, ergueu de novo a rebelde cerviz, afagado pelos coripheos do ultra-liberalismo, e arroja-se com escandaloso applauso dos progressistas a disputar descaradamente o Throno dos Affonsos á Augusta Dynastia de D. Pedro IV, para enthronisar o tigre real, que durante cinco annos dedicou todos os seus cuidados ao exterminio dos homens livres, e succumbio no meio das suas cohortes de janisaros sob o pezo da execração nacional, como succumbem sempre os tyrannos!

D'aqui se deduz uma comparação bem melancolica. O Duque de Valencia tem a haver-se com uma opposição cavalheiresca e decente, que adopta principios certos e invariaveis. O conde de Thomar tem a contrastar a liga monstruosa de facções infames, que alliando crenças oppostas com desaire das doutrinas que dizem representar, não segue senão o instincto feroz de uma malignidade brutal, destinada exclusivamente a destruir *de fond en comble* o edificio social sem intenção alguma de o reedificar.

Não é só contra o conde de Thomar que a imprensa colligada representante dos dois despotismos unidos (o despotismo da força, e o despotismo da guilhotina) vibra o furor dos seus raivosos aleives. Se accumulam sobre a cabeça do ministro tamanho montão de calumnias, que já enjôa pelo excesso, até aos que lhe não são affectos, é com o decidido intento de derribar esse obstaculo poderoso que lhes impede o accesso aos degráus do Throno, contra o qual essas serpes da opposição desenfreada tem cuspido, e estão cuspindo a peçonha mais immunda. *O Patrioto,* jornal communista, e o jornal miguelista *A Nação,* tem insultado a Rainha dos Portuguezes com infamias quasi tão abominaveis, como aquellas que propalava nas trévas o clandestino *Espectra* no tempo da guerra civil: a linguagem desses jornaes respira o espirito do regicidio; e entre as calumnias com que assaltam o primeiro ministro vem de envolta atrozes invectivas contra a realeza, e as mais revoltantes allusões á mais virtuosa e mais tolerante das Soberanas.